BIZZ

INVASÃO INDEPENDENTE
20 bandas brasileiras estréiam em disco

BUTCH VIG
O inventor do som de Seattle

QUEM É QUENTE
na nova geração do RAP

GENESIS
MADONNA
MORRISSEY
DANIELA MERCURY
R.E.M.
ENGENHEIROS

ENTREVISTA

BON JOVI
agora em sabor 'dance'

MEGA RETROSPECTIVA 92
O ano de Nirvana e Baby Sauro

IMAGINE UM PORSCHE COM 1 TONELADA A MENOS E 19 MARCHAS A MAIS.

Sabe aquele veículo esporte, potente e com um design arrojado, que você sempre sonhou? Foi aperfeiçoado: Caloi Aluminum Mountain Bike. Uma linha de bikes como você nunca viu igual (ou, se viu, deve ter passado muito rápido na sua frente). Seu quadro foi desenvolvido em alumínio, perdendo em peso, ganhando em resistência e desempenho. Vem toda equipada com os novíssimos componentes Shimano (Japão): câmbio, freios, cubos das rodas, pedivela, pedais, movimento central e de direção, roda livre. Selim especialmente desenhado para permitir mais conforto e agilidade nas manobras. Garfo dianteiro Marzocchi (Itália) com amortecedores.

E mais uma série de cuidados que tornam essas bikes perfeitas para se cruzar asfalto, montanhas, praias. E até o oceano, já que ela está sendo vendida também para mais 12 países da Europa e da América. Caloi Aluminum Mountain Bike. Com ela você vai descobrir que só existe uma coisa melhor que uma bike importada: uma bike exportada.

CALOI

SE NÃO FOR CALOI, ESQUEÇA.

VESTIBULAR~93~

ANHEMBI MORUMBI

O FUTURO ESPERANDO POR VOCÊ.

Uma escola moderna, sintonizada com o seu tempo, deve acompanhar as grandes tendências mundiais que influirão nas nossas vidas nos próximos anos. A Faculdade Anhembi Morumbi responde a essa expectativa, implantando Informática e Inglês em todas as séries de todos os seus cursos. Da mesma forma, mantém uma permanente interação com o mercado de trabalho, viabilizando um amplo sistema de colocação de formandos, através do Programa de Estágios, do Programa de Colocação Profissional e do Programa de Acompanhamento Pós-Escolar, entre outros.
Dominar o Inglês, as novas tecnologias e estar em dia com o mercado são diferenciais importantes no mundo de hoje. O profissional do futuro depende deles.

- COMUNICAÇÃO SOCIAL
- ADMINISTRAÇÃO
- TURISMO
- LETRAS
- SECRETARIADO EXECUTIVO BILÍNGUE
- MODA
- TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO NA EMPRESA(Pedagogia)
- TECNOLOGIA EDUCACIONAL(Pedagogia)
- NUTRIÇÃO
- QUÍMICA
- CIÊNCIAS ECONÔMICAS
- FARMÁCIA(*)

(*)Sujeito à aprovação pelo CFE

Faculdade Anhembi Morumbi

SECOM - Setor de Comunicação
Rua Casa do Ator,90 (SP)
CEP 04546-900
Telefone:(011) 533-0588

Mais um ano, mais uma retrospectiva do ano. Problema: a BIZZ não é o Globo Repórter. Não dá para ano após ano botar o Sérgio Chapelin fazendo cara de sério e contando as desgraças. Pensa daqui, pensa dali, finalmente surgiu a "brilhante" idéia: e se toda a edição tivesse uma conotação retrospectiva? Não, ficaria muito velha. Mas e se os temas fossem amarrados em matérias e entrevistas, repensando o que aconteceu em 92 e olhando para o futuro? Hmmm... Pode dar pé.
Você é quem vai decidir. Temos nomes novos do rap que se projetaram e podem emplacar definitivamente em 93. Temos uma reportagem sobre o dilúvio de novas bandas brasileiras estreando em vinil neste final de ano. Temos mais sobre o maior escândalo do ano, Madonna. Temos Bon Jovi representando a queda para o dançável que o rock, hard ou não, sofreu este ano. No *Ao Vivo*, na seção *CD*, em *Discos*, talvez até nas *Cartas*, tentamos refletir 92. E ainda reservamos algumas coisas para a própria Retrospectiva!
E quando o calendário mudar? Mudamos também. Já pensando na próxima retrospectiva, acredite se quiser. Feliz 93!

Foto de Carlos Lainy Buzaccay/Rotha

George Dubosch

TLC, rappers de futuro

6 SHOWBIZZ
O grande presente de Natal
11 RETROSPECTIVA 92
Fast forward em doze meses
24 BON JOVI
Lotando estádios – e pistas
30 O RAP DO FUTURO
Quem vai mandar no hip hop em 93
34 INDEPENDENTES
Crise? Que crise?
47 JUKEBOX
Manfred Mann
50 MADONNA
Segunda parte da entrevistona
56 AO VIVO
Morrissey, Daniela Mercury, Live
59 DISCOS
Engenheiros,R.E.M., Prince, Pin Ups
66 CD
O melhor do Genesis
70 LETRA
"Drive", R.E.M.
72 CARTAS
Um torpedo dos pampas
74 DISCOTECA BÁSICA
Gene Vincent

SHOWBIZZ

OFRA HAZA
SUCESSO IEMENITA

Ela veio do Iêmen para Israel, onde cresceu numa favela dentro da cultura judia. Sua música mistura a melancolia e os mantras orientais com sintetizadores e elementos de blues do Ocidente.

Desde que "Im Nin Alu" foi apropriada por Eric B & Rakim, Ofra flertava com o pop. Agora, sob produção de Don Was (B-52's, Bonnie Raitt), ela reaparece com o álbum *Kyria* (Shanachie Records). Já emplacou um hit estranho nas pistas americanas: "Daw Da Hiya", dueto com Iggy Pop que fala de uma moça condenada à morte por escolher seu amor à revelia da sociedade. Prova que a World Music pode ser mais que uma simples jogada de marketing.

A VOLTA DA BELA

A mais cool cantora dos 80, Sade Adu, reapareceu com o álbum *Love De Luxe* – e se dando bem: entrou direto no terceiro lugar da *Billboard*, na mesma semana que o pentelho Michael Bolton desbancava o eterno Garth Brooks do primeiro lugar.

GIL HOMENAGEADO

Lobão e Paralamas? Beth Carvalho e Barão Vermelho? Kid Abelha e Elba Ramalho? O que é isso? Campanha pelos menores carentes? Festa da Globo? Não! Todos eles, mais Tim Maia, Rita Lee, Chico Buarque, Jorge Benjor, Djavan, Caetano Veloso, Paulinho da Viola e outros cantam músicas de Gil na coletânea-homenagem *Songbook Gilberto Gil* (3 CDs), lançada pela Lumiar Discos junto com um livro que traz 130 canções do compositor acompanhadas das respectivas partituras.

Sugarcubes

GUITARRAS NAS PISTAS

Hoje em dia, há dois caminhos para quem quer soar contemporâneo: contratar Butch Vig e soar como se fosse de Seattle ou botar uma batida dance. Indo atrás da segunda opção estão o Bon Jovi ("Keep The Faith" em versão house do Jesus Jones), Prefab Sprout (um remix tecno), Sugarcubes (LP inteiro de remixes!), Mission (remix rave do Utah Saints) e Cult (batidas rítmicas na faixa para a trilha de *Cool World*).

PUMPETAS & COLLORIDOS

Suponha que seu grupo esteja caidaço e o único jeito de você chamar alguma atenção é gravando covers manjadas. Sentiu? Bem fundo do poço, né? O que fazer? Primeiro toque: fazer como Dinho, do Capital Inicial, e Paulo Ricardo: puxar muito ferro, incluindo o ocasional anabol.

A outra dica é se apresentar em festas de 15 anos de 100 mil dólares, de filhas de ricaços amigos do PC Farias, como Luís Otávio, em Brasília. Foi o procedimento adotado pelo Capital Inicial e pelo Kid Abelha. Sem comentários.

LOS ANGELES

Dois anos de liberdade condicional e o pagamento de multa no valor de 50 mil dólares – a ser distribuída entre diferentes instituições de caridades e de assistência social – é a pena imposta a Axl Rose por agressão física e danos materiais resultantes de uma confusão durante show do Guns N'Roses em St. Louis • Tom Waits é um dos mais ativos multi-talentos: atualmente em cartaz como um demente seguidor de Drácula ("Canapés?", pergunta o personagem, oferecendo uma bandeja de insetos repugnantes) na nova versão de Francis Ford Coppola, Waits estréia em breve no *LA Shortcuts* de Robert Altman. No mesmo filme, é a vez de Huey Lewis provar-se como ator. Aliás, outro queaparentemente estaria prestes a largar tudo para ser ator é o próprio Axl Rose. Rola em Hollywood um rumor de que Axl já teria posto o Guns N' Roses na marca do penalti, em nome do cinema • Scotty Moore, guitarrista da banda de Elvis Presley, fez uma aparição surpresa em Memphis, durante um show de outro contemporâneo do Rei, Carl Perkins. A convite de Carl, Scotty subiu ao palco, junto com outro integrante original de seu grupo, o baterista DJ Fontana e sapecou versões do "That's All Right Mama" e "Mystery Train", com Perkins cantando. Carl e Scotty estão gravando um álbum juntos • Saiu somente no Japão o mini-álbum *Demo Tracks*, com demos do XTC • Chama-se *Here He Evil* o álbum-tributo aos Monkees protagonizado por pra-frentexes do quilate de Mitch Easter ("Valerie"), Peter Holsapple ("You Just May Be The One"), Magnapop ("Pleasant Valley Sunday") e Vulgar Boatmen ("The Kind Of Girl You Love")

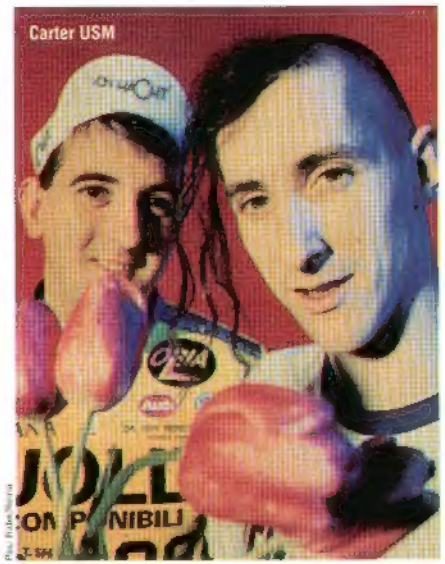
JOSE EMILIO RONDEAU

VALE A PENA OUVIR DE NOVO

Coletânea do *NME* é o melhor presente de Natal

Para comemorar seus 40 anos o semanário inglês *New Musical Express* lançou um disco muito especial: quarenta artistas interpretando músicas que chegaram ao primeiro lugar da parada inglesa, nessas quatro décadas de existência do jornal. O disco é vendido apenas pelo correio e os lucros vão para caridade.

Em *Ruby Trax* há de tudo: bandas que não tiveram tempo de ensaiar a música direito, canções que foram até melhoradas pelo intérprete ou intérpretes que estavam precisando de uma boa música há muito tempo.



Sinta a bagunça: Mission ("Atomic", do Blondie), Carter The Unstoppable Sex Machine ("Another Brick In The Wall"), Farm ("Don't You Want Me", do Human League), Tears For Fears ("Ashes To Ashes", do Bowie), Teenage Fanclub ("Mr. Tambourine Man", Bob Dylan/Byrds), Fatima Mansions ("Everything I Do", de Bryan Adams).

E mais Jesus and Mary Chain ("Little Red Rooster", Stones), Marc Almond ("Like A Prayer"), Boy George ("My Sweet Lord", de George Harrison). Só ouvindo para ver como ficou.

CAMISA VIVO

Eles voltaram! A maior banda baiana desde sempre, o Camisa De Vênus, se reuniu para dez shows espalhados pelo Brasil. O primeiro estava marcado para dia 13 de dezembro, em Salvador. Marcelo Nova, cuja carreira solo vai muito bem obrigado, garante que desse mato não sai novos discos da banda. É show e ponto final.

OUÇA ESSA

"Cantar com emoção é um ato essencialmente feminino. As cordas vocais têm o formato de uma vagina."

Edson Cordeiro. Não bastasse cantar, agora ele dá declarações

"Este não é um show do Guns N'Roses. Viemos todos aqui para nos divertir."

Chris Robinson, o desbocado do ano

"Topamos voltar. Cobramos um milhão de libras – cada."

John Lydon sobre a ressurreição dos Sex Pistols

CARLOS IMPERIAL (1936-1992)

Jornalista, ator, compositor, produtor e diretor (de discos, cinema e TV), vereador do Brizola, jurado do Silvio Santos, empresário (não só no showbiz, como no ramo da construção civil) e mulherengo incorrigível. Carlos Imperial foi tudo isso e mais: uma espécie de parteiro do rock brasileiro, desde que ganhou um concurso de dança e foi convidado a abrir o show de Bill Halley no Brasil e na Argentina, no final dos anos 50, cantando e tocando guitarra...

Sua subestimada (ignorada, até) contribuição à música pop brasileira ainda está para ser devidamente pesada e avaliada. Basta dizer que Imperial foi a verdadeira eminência parda da Jovem Guarda, quem educou e lançou Roberto e Erasmo, e só por ter escrito "O Bom", imortalizada na voz de Eduardo Araújo, e "Garota do Roberto" (Waldirene), o cara já entraria para o Hall of Fame nacional. Sua morte, no dia 4 de novembro, de infecção generalizada, veio cedo demais.

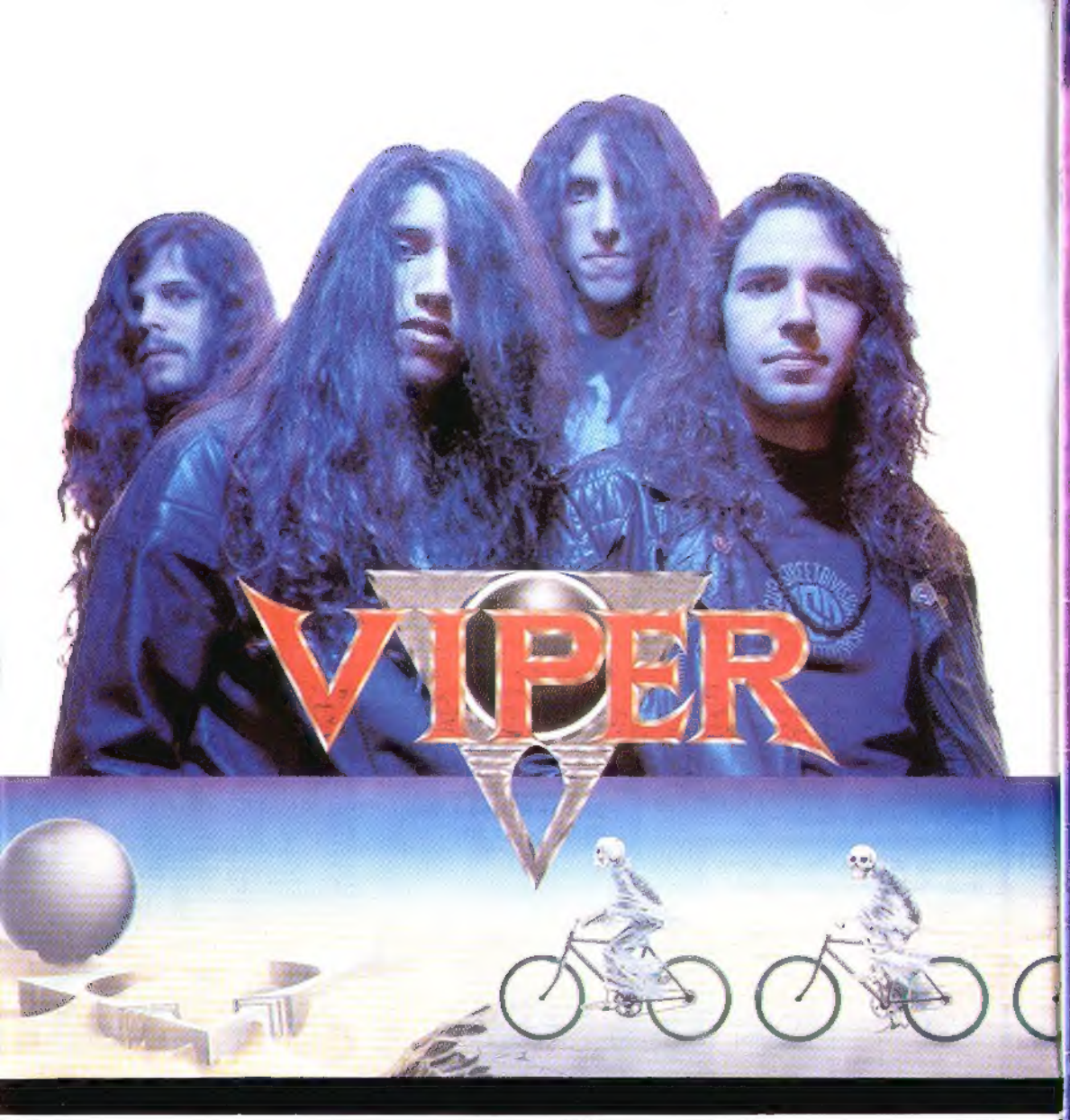
Para vencer seus desafios.

Malte, leite e muito chocolate Nestlé.
Esta é a receita da energia.
Você tem tudo para vencer com Smash.

Nestlé Smash

Energia para um dia de 25 horas.

chocolates Nestlé



E·V·O·L·U·T·I·O·N

NOVO LP E CD

JÁ À VENDA

ELDORADO

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO BRASIL, JAPÃO E EUROPA

SERÁ O FIM ?

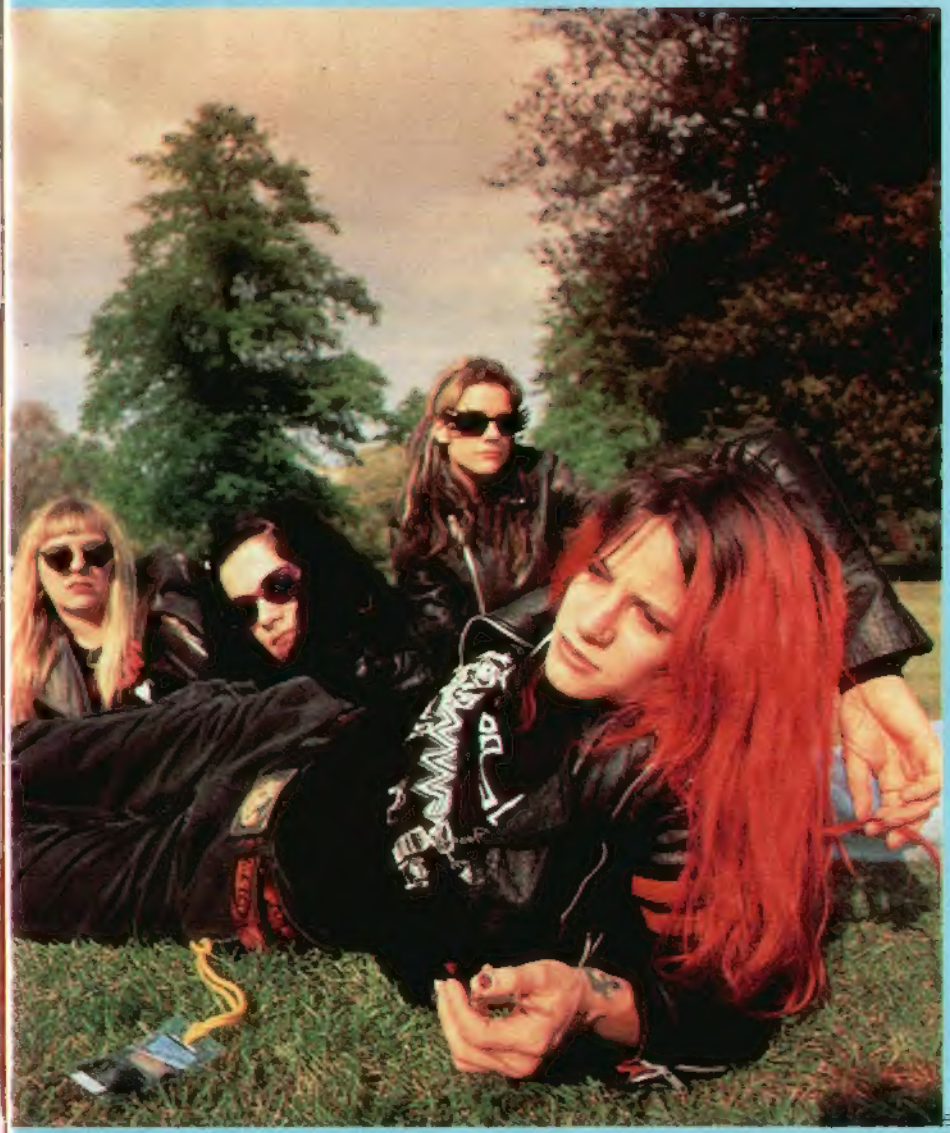
Os pessimistas estão anunciando aos quatro ventos: o pop está com os dias contados. A começar pela música: o tradicional formato verso, refrão, melodia para assobiar está cada vez mais em desuso, ao passo que gêneros como rap, dance, funk-metal, tecno, metal, industrial e thrash se popularizam rapidamente (e, não por acaso, encontram-se mais produtivos e criativos). Depois vem todo o esquema ídolo pop/música para rádio que todo mundo gosta/fãs histéricos. Quem vai substituir mega-stars como Madonna, Michael Jackson, George Michael e Guns N'Roses, que, mais cedo ou mais tarde, estarão chegando nas datas de vencimento? 2 Unlimited? Ice-T? Pearl Jam? Chili Peppers? Improvável.
Hoje, as figuras mais identificadas por adolescentes em geral (o "público pop", por excelência) estão ligados a cinema (revertendo a uma situação pré-anos 60), TV e... videogames. Um seriado como *Barrados No Baile* estoura na TV, mas sua trilha sonora entra na parada americana num distante número 180. Os Mario Bros. são mais conhecidos nos EUA do que George Bush. Como disse a revista inglesa Q: "houve um 'antes' , antes de Elvis e dos Beatles. Agora pode ser o início do 'depois'".
CAMILO ROCHA

DURO NA QUEDA

Ice T foi um dos nomes mais comentados de 92. O motivo foi a confusão causada por "Cop Killer", faixa do álbum de seu grupo thrash Body Count, que descrevia as ações de um matador de tiras. A letra pedia vingança para Rodney King, negro espancado por policiais brancos em Los Angeles, que depois foram absolvidos. George Bush e os tiras pediram a cabeça de Ice T, enquanto sua gravadora Warner segurou a bronca, em nome da liberdade de expressão e dos lucros extras que toda controvérsia gera. No fim das contas, a faixa foi retirada do disco, as cópias distribuídas antes da proibição foram recolhidas às pressas e viraram objetos valiosos. Ice-T já marcou sua volta em 93, com o novo LP *Home Invasion*.

O MONSTRO MINISTRY

Enquanto quase toda música que gosta de vestir a camisa do barulho foge da tecnologia como o diabo da cruz, o Ministry faz o oposto: vai fundo nela. O tecno-thrash-apocalíptico de Al Jourgensen e Paul Barker provou ser único no mundo, com hits (à sua maneira) como "N.W.O." e "Thieves" e em discos como o novo *Psalm 29: The Way To Succeed And The Way To Suck Eggs e The Mind Is A Terrible Thing To Taste*.



MULHERADA ESPERTA

Se falou muito do "papel da mulher nos anos 90" este ano. O pop, onde houve um dilúvio de discos e bandas de mulheres, foi como sempre o principal veículo desses novos conceitos. Há dois modelos básicos: a linha L7/Hole/Babes In Toyland, que recusa qualquer estereótipo feminino, detesta ser bonitinha e assume a podreira sem medo.
O outro é a escola Madonna, seguida por Neneh Cherry e Shakespears Sister. Femininas, usam a beleza e a gostosura em seu favor (sem ser objeto), e detêm total controle sobre o que fazem.
Em comum, elas não levam desaforo para casa, são orgulhosas da condição, batalhadoras e vestem como uma luva a visão politicamente correta da mulher. Totalmente por fora está feminismo burro e sapatão e a linha bonequinha manipulada e otária.

Reina

ALTERNATIVA A QUÊ?

OK, este foi o ano dos "alternativos". Nove entre dez artistas que se deram bem vieram direto dos porões, o Nirvana foi a banda do ano, o Lollapallooza se firmou como o evento por excelência dos 90, Seattle virou meca etc. Até em praias "não-grungescas", tipo rap e tecno, ganhou quem tinha cara de "alternativo". Pô, até no metal. Metallica é metal de garagem por excelência.

Tudo isso chegou aos olhos e ouvidos da maioria via MTV brasileira, que imprimiu máxima aceleração à sua programação. Aliás, MTV e BIZZ estavam quase competindo pelo troféu "caça às novidades" – genial, concorrência é a alma do negócio, mesmo eles sendo simultâneos/sensoriais e a gente mensal/cerebral. Só para citar meia-dúzia: Arrested Development, Rollins Band, Ugly Kid Joe, Ministry, Shamen, Helmet, L7 e Pearl Jam são gente que estava no *underground* e explodiu, do nada, este ano.

O que tudo isso quer dizer? Em algum lugar desta retrospectiva está uma resposta possível; defende que a era do popstar permonente, de carreira longa, está nas últimas. Faz sentido...

E mesmo que não faça para você, uma coisa todos devem saber. O que se chama de "alternativo" não é gente que está fazendo algo à margem do grande mercado, nem que tenha alguma ideologia/plataforma/sonoridade em comum. Não, o que anda se chamando de "alternativo" é quem simplesmente ainda não teve um sucesso massivo, mas pode ter daqui a dez minutos. Nirvana era "alternativo" há um ano, hoje não é mais. Pavement é "alternativo" hoje, não será em três meses. Entendeu?

Eu entendi razoavelmente. A coisa ficou assim: a década de 90 é fluida, transnacional, punk, "portátil", festiva e extremamente veloz. O mundo mudou e pouca gente se tocou. Só para variar, você viu tudo antes aqui – no maravilhoso mundo do rock'n'roll. *ANDRE FORASTIERI*

Reina

VICE-LIDERANÇA

O Pearl Jam foi a segunda banda "alternativa" mais falada nos últimos doze meses. Causou bode nos puristas – talvez porque seu vocalista, Eddie Vedder, um ex-surfista californiano, tem uma aparência bem mais apresentável que o padrão *grunge*.

Ruhrs

GUNS, GUNS, GUNS

O GN'R continuou na boca do povo durante todo o ano. Os motivos foram inúmeros: declarações sobre os traumas vividos pelo astro Axl (de que era molestado sexualmente por seu padrasto; da rejeição sofrida por ele por parte de sua mãe, desde a gravidez...), a saída repentina de Izzy Stradlin, a megaturnê americana ao lado do Faith No More e Metallica e a amizade com Bono Vox. No fim do ano, mais lenha na fogueira: Axl foi condenado a dois anos por provocar incidentes naquele fatídico show de St. Louis. A pena: dois anos de prisão a serem cumpridos em liberdade e o pagamento de fiança de 50 mil dólares.

LFI

MALA DO ANO

Sinéad, claro.

Retro

GRUPO POP DO ANO

Right Said Fred, óbvio

ANOS 70

Os anos 80, estilosos e metidos, flertaram pesado com a década de 60. Os 90, mais bagunçados e desencanados, estão pegando pesada na revival dos 70. Ainda bem, afinal a correção estética da década passada jamais permitiria a curtição numa boa de coisas legais como Abba, Kiss, Black Sabbath e os "embalos de sábado à noite".

TROFÉU PENTELHAÇÃO

Baby Sauro, sem dúvida.

MELHOR FILME DE ROCK

Wayne's World, evidente.

RAVES, "A CENA DO ANO"

O primeiro movimento cultural jovem com direito a música, atitude e droga próprias desta década é o cenário rave, ou tecno-rave nos EUA. A música é tecno de todo tipo ou qualquer faixa dance nervosa o suficiente, a atitude é ensandecida e desencanada e a droga é o ecstasy – quase não se bebe álcool. Guardadas as devidas proporções, raves são como bailes de carnaval ao ar livre. Ou se preferir, a versão 90 dos festivais hippies dos 60, cujos motes e símbolos os raves também reciclaram. A Inglaterra já é 100% rave, com alguns eventos atraindo mais de trinta mil pessoas e matérias até na revista de adolescentes *Smash Hits*. A Europa se converte rapidamente. Nos EUA, a Califórnia é o centro do fenômeno que a revista *Spin* elegeu como "cena do ano"

SHAMEN

Sempre que há um forte movimento musical, cultural e de atitude, aparece alguém para sintetizar tudo. Os ingleses do Shamen fizeram isso pela cena dos raves. Hits como "Ebeneezer Goode" e "Love Sex Intelligence" falam de ecstasy, fractais, bons fluidos, realidade virtual, viagens químicas, paz e amor versão 90, "tribalismo" moderno e muita dança. Um de seus membros, Mr. C, é um ativo promotor de raves e festas. Shamen é um grupo de agora, para agora, mas que vai durar.

TECNO

O tecno é música dos anos 90 como gente há trinta anos deve ter imaginado que ia ser: dominada por máquinas, brutal, repetitiva, fria e sem rosto. Na Inglaterra, o tecno em 92 virou artigo comum nas paradas. No Brasil, a maioria das pistas de dança aderiu. Nos EUA, está engatilhado para um grande estouro em breve. Pistas: nomes como LA Style, The Movement e 2 Unlimited subindo posições na *Billboard* e a antena-mor da Def American, Rick Rubin, contratando e produzindo o tecno belga de Progo Khan.

HIT DO ANO

"Rhythm Is A Dancer", do Snap!, foi o maior hit de 92, um ano pouco marcado por mega-sucessos de dance music. A música conseguiu ficar entre os cinco mais dos EUA e de todos os países da Europa, incluindo primeiro lugar na Holanda, Espanha, Itália, Inglaterra, França e Alemanha.

Ron Galella/Sigma

GAROTOS-PRODÍGIO

O recorde do ano ficou com o Boyz II Men. Seu single "End Of The Road" ficou durante treze semanas no primeiro lugar dos EUA. A última vez que isso rolou foi com a cantora Patti Page, em 50.

EM VOGA

Troféu "chique" do ano foi para o En Vogue com aquele vídeo de "My Lovin' (You Never Gonna Get It)". Seu *Funky Divas* mistura funk, reggae, swingbeat, rock, rap e dance. Supremes dos 90?

Sony

KRIS KROSS

De repente você ligou a TV e deu de cara com dois pivetes vestidos com as calças de trás para frente e uma cara de mauzinho. Os moleques do Kris Kross têm doze e treze anos, vêm de Nova Jersey, e venderam mais de dois milhões de cópias nos EUA de "Jump".

TECNOLOGIA TENTADORA

Novos fetiches para você, que tinha acabado de trocar todos seus discos de vinil por CDs. O DCC (Digital Compact Cassette), da Philips e da Matsushita, é o primo moderno da velha fita cassete: o som é digital e dá para gravar em cima quantas vezes quiser, sem perda de qualidade. Os aparelhos de DCC podem ainda tocar suas velhas fitas análogas. O Mini-Disc é a resposta nervosa da Sony ao DCC. Parece um disquete de computador Macintosh, um pouco menor que uma bolacha água e sal. Uma babagem legal dos dois é que há um visor no aparelhos onde aparece o nome da música que está tocando. Vários títulos já estão programados e em 93 o DCC já deve estar até aqui no Brasil.

VIDA DUPLA

Madonna, Deee-Lite, Sonic Youth, Clivillès & Cole, The Cure, Roxette e vários outros lançaram álbuns duplos este ano. Na verdade a culpa é do CD. Grande parte dos álbuns hoje são planejados para o formato digital, o que quer dizer que podem ter até dezoito faixas. Na hora de passar para o vinil, não cabe tudo num só e o disco acaba virando duplo.

PÉ NO ESTRUME

No mundo dos caipiródromos os homens são vaqueiros do asfalto guiando F-1000s, as mulheres tem quadril largo e usam roupas franjadas, Ribeirão Preto é o centro do mundo e Willie Nelson é Elvis Presley.
Nos EUA, Garth Brooks emplacou cinco álbuns ao mesmo tempo entre os quarenta mais vendidos e nem Madonna o derrubou. Billy Ray Cyrus, Wynonna Judd, Brooks & Dunn e Travis Tritt também se deram bem.
No Brasil, o de sempre: Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó e o Tedioso e Monótono do mês. Lulu Santos conseguiu arrumar briga com essa turma, definindo o sertanejo-country perfeitamente como "música da era Collor".

ESTIVERAM AQUI

PIL
SKID ROW
RAMONES
MANO NEGRA
BLACK SABBATH
IRON MAIDEN
DIE TOTEN HOSEN
DONNA SUMMER
BG THE PRINCE OF RAP
ROXETTE
WAILERS
ALBERT KING
KENNY G
EMF
LIVING COLOUR
JESUS JONES
EXTREME
MOTÖRHEAD
DIONNE WARWICK
GIPSY KINGS
SEAL
IAN GILLAN
ELTON JOHN
LIVE
MARILLION

Max Maximino Arte

DEFINITIVAMENTE, A MAIOR BANDA DE ROCK DO BRASIL

O Sepultura assinou com a Sony. Excursionou com Ozzy e Alice In Chains em novembro. Em dezembro, se juntaram ao Ministry e o Helmet. Foram eleitos o melhor grupo pela convenção anual dos selos independentes dos EUA. E Max virou papai.

A MOÇADA VAI ÀS RUAS

Caras-pintadas, carecas, galeras de baile funk, fugidos da Febem, mortos na Detenção. Tudo farinha do mesmo saco – o nosso 92 foi o ano em que a juventude voltou às ruas. Desmentiu todas as teorias sócio-apocalíticas que se montaram em cima da tese ranzinza que via no jovem atual um exemplo de passividade extrema. Os caras pintadas tomaram o país, derrubaram o presidente e deixaram todo mundo muito contente. O reverso dessa história bonita e edificante foi o repentino surgimento da pretensa juventude nazista *skinhead*. Os carecas anti-nordestinos.

Tudo começou com um programa de televisão, que na falta de assunto melhor resolveu inventar uma suposta versão brasileira do movimento nazista internacional, que anda atacando na Alemanha e outros países da Europa. Na semana seguinte à exibição do programa, a rádio paulistana Atual, que tem uma programação dedicada ao público de origem nordestina, sofreu pichações na linha "nordestinos fora!".

No Rio, um show do Ramones no Canecão acabou se tornando cenário de brigas com quebra-quebras e feridos. Um grupo autodenominado Carecas do Brasil, uniformizados com camisetas novinhas, assumiu a "façanha" e protestou desconexamente contra os nordestinos em geral. E quase toda a imprensa politicamente correta do país abriu a temporada de caça a hipotéticos carecas nazistas. Foram descobertos "líderes" do movimento e até, quem diria, "teóricos" adolescentes. Alguns foram presos e desse modo arrumaram um sentido para suas vidas e assunto para festinhas movidas à tubaína. Enquanto isso, o líder do PDS na Câmara Municipal de São Paulo, autor de um projeto de lei que restringe o uso de serviços públicos municipais (escolas, hospitais etc) e deixaria sem amparo muita gente que já mora na cidade há anos, era reeleito tranquilamente, sem qualquer manifestação de protesto.

O assunto "nazismo brasileiro" passou de moda rapidamente superado pelo tema "arrastões", em que os "vilões" foram os funkers cariocas. Depois este tema também ficou um tanto esquecido quando os delinqüentes juvenis da Febem promoveram uma fuga em massa e aterrorizaram a cidade de São Paulo. Foi pouco depois do massacre na Casa de Detenção, também em São Paulo, em que a maioria dos mortos estava na idade certa para curtir música e ler a BIZZ. Todas – carecas, funkeiros, caras-pintadas, criminosos – faces da mesma juventude, indo às ruas de um país onde três pessoas são assassinadas por hora.

ROGÉRIO DE CAMPOS

"Heavy metal é uma música burra, feita por burros e para burros" **Lobão**

"Frank Sinatra é a única pessoa com mais de 70 com quem eu gostaria de dormir"
Richard Fairbrass, Right Said Fred

"Hoje eu estou com a tranquilidade dos profetas. Sempre achei que a eleição do Collor ia acabar em renúncia ou num *impeachment*"
Lulu Santos

"Ia ficar muito orgulhoso de ter um filhinho maestro. Mas se for chato como ele, eu deserdo"
João Gordo detona o mala-supremo, Júlio Medaglia, no *Programa Livre*

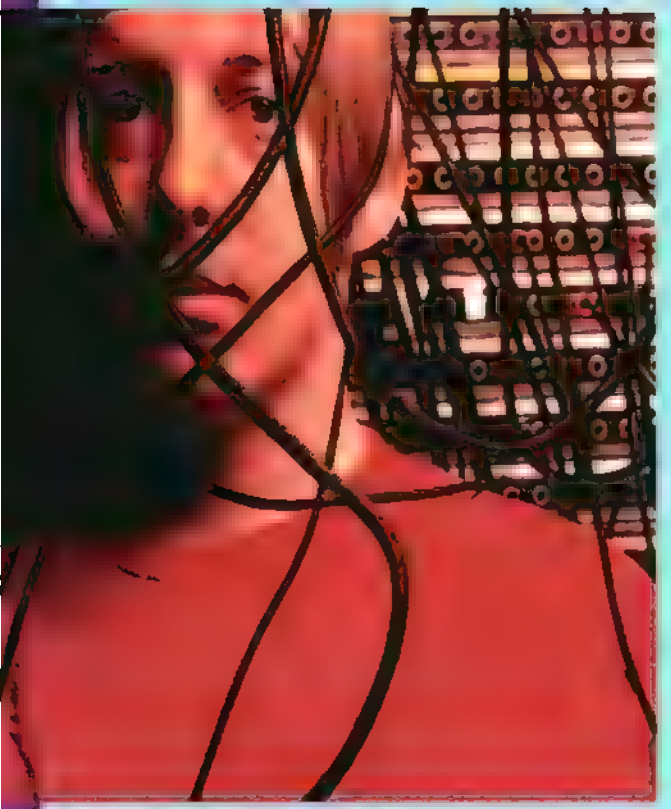
"Se quando eu tiver 38 o Metallica acabar, não acho que vou ter a pique para começar outro projeto"
Lars Ulrich, Metallica

"A música não fala sobre nada — é o maior monte de baboseiras que eu escrevo em muito tempo."
George Michael sobre "Too Funky"

"Adoro chupar os dedos dos pés. São a parte mais sensível do corpo. Se você quiser posso fazer isso com os seus"
Madonna para o apresentador da TV inglesa Jonathan Ross. Dizendo ser "casado e pai de uma filha", Ross recusou.

"Vi altos cabelos hoje à noite, altos cabelos"
O apresentador **Dana Carvey**, o Garth de *Wayne's World*, no *MTV Awards*

"A Sub Pop é um embuste. É tanta gente querendo fazê-lo ser algo que nunca foi. Quanto a bandas como Alice In Chains e Pearl Jam, elas simplesmente não me interessam"
Buzz Osborne, dos **Melvins**, banda que influenciou toda o atual safra de Seattle



PRODUTOR DO ANO

De Sonic Youth a Nirvana, todos querem Butch Vig

Não é à toa que todos agora correm para Madison, Winscosin, terra dos Smart Studios, de Butch Vig. Suas salas com isolamento acústico são o sonho de engravatados executivos de gravadoras e adolescentes descabelados. Desde que *Nevermind*, do Nirvana, estourou na parada de sucessos, Butch é tido como iluminado. Com a agenda cheia, o produtor do ano (premiado na festa do *CMJ New Music Awards* e badalado como o produtor mais quente da temporada pela revista *Rolling Stone*) goza a fama apertando seus botõezinhos em discos de gente como Sonic Youth e L7. "Agora mesmo, tenho quinhentos tapes na minha mesa" ele conta. "O mais engraçado é que as gravadoras me mandam dúzias de bandas pop e querem que eu as faça soar como Nirvana. Por causa do sucesso de *Nevermind*, procuram o próximo Nirvana. Mas só existe um."

"Meu advogado vive dizendo que eu poderia gravar quem quisesse", ele diz. Mas mal acredita que acabou de produzir Sonic Youth, ídolos de longa data. "Gravamos *Dirty* com a aparelhagem mais antiga que pudemos encontrar — uma mesa de som de vinte anos de idade. Totalmente *cool*."

Butch é apaixonado por tecnologia tosca. "Gosto de usar amplificadores, prés e compressores valvulados." Esse é o segredo da sujeira *grunge*, ele confidencia. "Não faço superprodução. Não empilho guitarros e vocais. Talvez por isso tenha obtido tanto sucesso, porque tento capturar a crueza das bandas."

Seu primeiro estúdio foi montado no porão de casa, em 83, com tecnologia de liquidação e bandas cobaias pagando cinco dólares a hora. "Foi uma grande experiência. Agora, posso utilizar alta tecnologia, mas as mesas toscas ainda são mais *cool*."

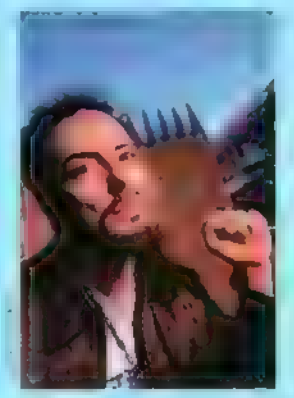
Do porão para os selos independentes, Butch trabalhou vários e obscuros grupos, até se destacar com a produção de *Killdozer*, para o Touch and Go. "Foi quando recebi um convite do Sub Pop para produzir alguns grupos do catálogo deles."

Gravou Nirvana em 90. "Era uma fita demo do que deveria ser o segundo álbum deles no Sub Pop, só que a banda acabou tendo a oportunidade de assinar com a gravadora Geffen. Muitos produtores de heavy metal, grandes nomes da indústria, queriam produzi-los, mas eles me queriam envolvido na gravação, porque eu tinha um estofo *underground* e já sabia como eles trabalhavam."

O sucesso foi uma surpresa. "Me senti jogado para longe numa explosão. Eu tinha gravado discos que vendiam, no máximo, cem mil exemplares. Achava que Nirvana ia fazer sucesso no *underground*, mas, de algum modo, o grupo tocou nos nervos da garotada."

Na sua lista de bandas bacanas, Butch cita Nirvana, Sonic Youth, L7 ("foi muito divertido fazer o disco delas"), Smashing Pumpkins ("assinaram com a Virgin e possuem potencial para virar uma banda de sucesso"), Young Fresh Fellows ("... de Seattle. Eles pareciam estar nas paradas") e Sponner ("a banda em que eu toco bateria"). Além disso, confessa "sou um grande fã do R.E.M., mas não sei se poderia produzi-los, porque eles têm feito grandes discos com Scott Litt." E Butch promete novidades. "Recebo várias propostas e posso me dar ao luxo de escolher o que acho mais legal. Estou para gravar os Smithereens e vou fazer o próximo disco do Smashing Pumpkins."

MARCEL PLASSE



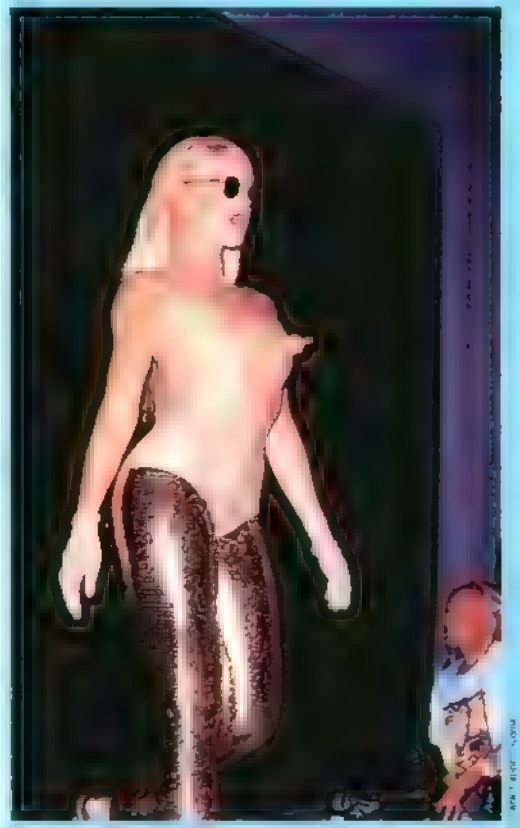
BARULHO NAS LIVRARIAS

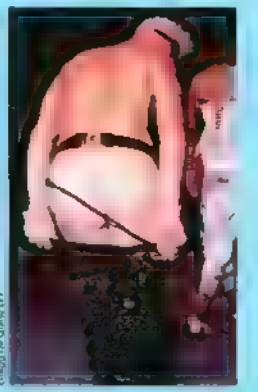
Finalmente o primeiro livro brasileiro de rock de alto nível. *Barulho*, do nosso *brother* André Barcinski, provou que boa qualidade é questão de iniciativa e competência, não de dinheiro. O lançamento trouxe ao Brasil o ex-Dead Kennedy Jello Biafra e Paul Barker, do Ministry. Num ano em que todo mundo soou o mais barulhento possível, calhou

POP NA PASSARELA

A conexão música-moda definitivamente pegou em 92, invertendo papéis em boa parte dos casos. Modelos como Yasmin, Iman, Linda Evangelista e, principalmente, Naomi Campbell povoaram videoclips como "Too Funky", de George Michael e "In The Closet", de Michael Jackson.

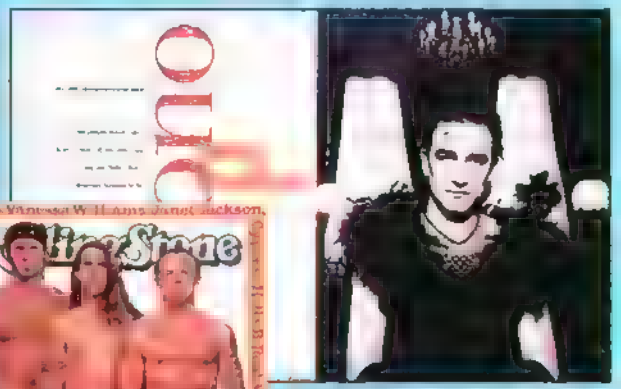
Em contrapartida popstars como Madonna, Lady Miss Kier, Anthony Kiedis (Chili Peppers) e Billy Idol desfilaram para o estilista francês Jean-Paul Gaultier num evento com renda para vítimas da Aids. Chuck D, do Public Enemy lançou sua marca de roupas. Algumas ex-modelos como Ce Ce Peniston e Vanessa Williams (ex-Miss América) lançaram discos com sucesso. Vanessa Paradis (produzida por Lenny Kravitz) e Naomi Campbell (fazendo backings para Vanilla Ice e gravando disco próprio) seguiram a escola Grace Jones, dividindo seu tempo entre passarela e microfone





TODO MUNDO NU

A competição para chocar em 92 não mediu limites: se vestir de mulher, ficar pelado, homens se beijando. Vide Billy Idol mostrando a bunda no desfile de Gaultier; os Red Hot Chili Peppers, grande estouro do ano, pelados na *Rolling Stone*; ou Bono, que comandou a turnê mais comentada de 92, travestido para a *Face*. Vide os clips, inclusive os brasileiros de Lulu Santos, Supla e Barão. O problema para os "ousados e controversos" é que quando se achava que o máximo em escândalo havia sido conseguido, vinha outro e fazia pior ainda.



SETE ANOS DE BIZZ

Excelente número para comemorar. Grande revista. Matérias fantásticas. Críticos brilhantes. Entrevistas magníficas. Dois furos mundiais de reportagem em 92: exclusivas com R.E.M. e Faith No More sobre seus novos álbuns, antes da *Rolling Stone* e o escambau. A BIZZ é indescritível! (vide esta retrospectiva, trazida a vocês por Camilo Rocha, Richard Kovács e Cláudia De Souza Lima)

VÁ CORRENDO BUSCAR SEU OPANKA.

E VOLTE FLUTUANDO.

OPANKA

VOLTA COM FÉ

De visual novo, Jon Bon Jovi recoloca sua banda na estrada com um disco "maduro"

Se vocês têm assistido a MTV já devem ter sido pegos de surpresa com o visual diferente de Jon Bon Jovi, apresentando seu novo estilo de corte de cabelo à *la* John Cougar Mellecamp. Observadores mais atentos também devem ter sido pegos de surpresa – ou chocados ao lerem na última *Kerrang!* que Mike Edwards (do Jesus Jones) foi escalado para mixar uma versão *acid house* para a música "Keep The Faith", faixa-título do ainda não lançado quinto álbum do Bon Jovi.

Tendo a cópia bruta da música sido tocada para uma audiência privada junto com a épica "Dry County", talvez a faixa mais madura que Bon Jovi tenha feito), eu arrisco dizer que este single vai arremessar o Bon Jovi para uma popularidade nunca antes imaginada – tenho a sensação de que o sucesso do novo disco será maior que o de *Slippery When Wet*, cujas vendas *New Jersey* não chegou a superar.

Bon Jovi tem se recusado a dar entrevistas ou mesmo a se deixar fotografar. Do jeito que as coisas têm acontecido, o cara deveria ficar uns quinze minutos numa entrevista que já está rolando com o guitarrista Richie Sambora e com tecladista David Bryan.

"Nós estamos fazendo um mix *acid house* para ver o que que vai acontecer", diz Sambora. "Parece que está tendendo a isso. Não queríamos ter parado no nível que estivemos em *New Jersey*. Não há sentido em ficar regurgitando essas coisas – isso não leva a nada. Você tem que ficar em movimento."

"Seria cansativo para nós e para nossa audiência fazer um *New Jersey II*", completa Brian. "Tem que ser uma experiência sonora totalmente nova."

"Obviamente não podemos esquecer das trinta milhões de pessoas que já compraram nossos albuns. Esses fãs são muito importantes para nós, portanto entendemos que temos que trazê-los conosco", reflete Sambora. "Estagnar seria um desastre. O jeito que eu encaro é que se nos desembarcamos numa nova ilha, devemos construir pontes para as pessoas nos seguirem. Desde o último album, tanta coisa aconteceu em nossas vidas e na nossa música que demos um tempo para a vida voltar a nos. Agora temos toneladas de energia. Estamos pegando fogo!"

No seu tempo livre, Jon Bon Jovi fez *Blaze Of Glory*, um álbum solo que não era bem isso, mas a trilha sonora do filme *Jovem Demais Para Morrer* (onde também fazia uma ponta) e também produziu o igualmente horroroso *Blood On The Bricks*, de Aldo Nova. Já Sambora lançou seu disco solo *Strangers In This Town*, com aparições de Bryan e do baterista Tico Torres. O baixista Alec Jon Such permaneceu inativo.

O tema do Bon Jovi agora é sobre companhia masculina.

"Somos uma banda de verdade, não uma máquina corporativa", justifica Sambora. "Nós éramos somente um grupo de garotos que se juntou e chegou lá através de trabalho árduo e boa música. Nós ainda estamos aqui e ainda estamos provando aos jovens que eles também podem fazer isso. E isso que tem acontecido em Seattle: garotos criando bandas em garagem e dando um puta trampo. Eu os respeito porque eles estão mostrando aos jovens do mundo algo interessante – a música só tem a lucrar com isso. Grupos como esses são uma espécie em extinção."

Mas não haverá um ponto em que esses grupos serão encarados como grandes entidades corporativas, da mesma maneira que o Bon Jovi?

"Ah sim, agora esses caras são cheios de juventude com o cheiro das ruas nas narinas, mas o que será que vai acontecer depois de três discos? Será que eles estarão ainda em cartaz ou será que estarão totalmente esquecidos? Como eles irão manejar o aspecto do dinheiro? Será que eles terão longevidade?"

David Bryan: "A coisa mais difícil do mundo é ter longevidade depois de ter tido sucesso."

Nesse ponto, o homem que mais sabe sobre esse assunto entra na sala e responde acanhadamente à minha questão somente até onde ele gostaria que o Bon Jovi chegasse com seu novo álbum.

"Este disco, para falar de uma maneira bem simples, é o Bon Jovi dos anos 90", diz Jon. "Quem teria pensado que chegaria um dia em que nós iríamos fazer um mix *acid house* na primeira música? Não vejo esse álbum como um desafio, mas como uma revolução. Em termos de letras, estou consciente que já tenho trinta anos. Não é como se eu aparecesse com cabelo até a bunda, com uma merdinha no queixo e soando como se fosse Pearl Jam. Se fizessemos isso, você mandaria eu ir me foder! Nós não estamos seguindo o rastro de ninguém. Você não vai ver um 'Garth Bon Jovi' aparecendo assim."

Sou propenso a acreditar que agora você se envergonha um pouco de ter tido tantas colaborações com Desmond Child?

"Você diz isso de uma maneira meio acintosa", comenta Jon.

"Quando nos encontramos, Des, Richie e eu, junto com Bruce Fairbairn e Bob Rock (respectivamente, produtor e engenheiro dos albuns *Slippery When Wet* e *New Jersey*) estávamos todos em nossa jornada, todos ganhando a vida. Des tinha ganho um pouco de dinheiro com uma música do Kiss ('Heavens On Fire'), enquanto Fairbairn e Rock estavam se virando com bandas do tipo do Loverboy. Mas alguma coisa aconteceu quando nos encontramos em Vancouver para fazer *Slippery When Wet* – era como um fenômeno de história-em-quadrinhos. C'abum! Nos tornamos 'estrelas de rock', Bob e Bruce se separaram e acabaram se tornando esses grandes produtores que são hoje, mas Des acabou ficando mordido porque ele pisou na bola e acabou escrevendo junto com outras pessoas. Os únicos sons de primeira linha que Des tinha, todos os três, foram escritos com duas das pessoas dessa sala. Nós tivemos outros, enquanto ele foi viver bem às custas de trabalhar com tipos como Aerosmith e Joan Jett. Nós fizemos trinta músicas para este album, e co-escrevemos com Des dois deles e – porra! – estou contente de termos escrito com ele."

O que você achou de seu álbum solo?

"Eu não achei que foi um disco bem balanceado. Eu não pensava que ele estava pronto para fazê-lo, mas ele queria ser um artista."

Richie: "Eu trabalhei nele e gostei, mas era muito diversificado para o seu público."

Enquanto duas músicas de Child foram incluídas, Jon admite que ele provavelmente escreveu mais músicas suas neste álbum do que nos outros quatro colocados juntos.

"Eu tive mais coragem de levantar a voz e escrever muito mais. Penso que isso vem do fato de termos dado um tempo para respirar. Nós estávamos detonados com D maiúsculo."

David Bryan: "Se você procurar no dicionário o verbete 'detonado', vai achar nossa foto!"

"Fazer essas entrevistas é como uma consulta psiquiátrica", sorri Jon, "porque somente agora estamos começando a compreender o que aconteceu na última

"*Keep The Faith*" é o Bon Jovi dos anos 90. Quem teria pensado que chegaria um dia em que nós iríamos fazer um mix acid house na primeira música?"

"Em termos de letras, estou consciente que já tenho trinta anos. Não é como se eu aparecesse com o cabelo até a bunda, com uma merdinha no queixo e soando como o Pearl Jam"

"Eu tive coragem de levantar a voz e escrever muito mais. Penso que isso vem do fato de termos dado um tempo para respirar. Nós estávamos detonados com D maiúsculo"

ma década. Os dois primeiros álbuns foram bem tranquilos daí veio *Slippery When Wet*, que foi o ponto "vai ou racha" que aconteceu na carreira do grupo. Naquela altura a máquina assumiu as cordas nos apertaram, contadores estavam nos dizendo para nos divertir e produtores e agentes se certificavam que estávamos com o calendário cheio. Nós aceitamos essa vantagem naquele tempo, porque você nunca sabe se isso tudo vai acabar amanhã. A turnê de *Slippery When Wet* acabou em outubro de 87 e nós estávamos de volta ao

estúdio durante quatro meses para gravar *New Jersey* antes de voltar à estrada novamente para um total de 237 shows. Em retrospecto não permitimos a nós mesmos a chance de dar um tempo. Quando finalmente procuramos por ar, nos tivemos que fazer o que queríamos."

Você acha que foram explorados?

"Claro, mas nós não seremos de novo."

Como que para provar isso, a primeira pessoa a ser chutada foi o notório produtor do grupo, Doc McGhee. Sem surpreender, Jon tende a encobrir os fatos que levaram a essa decisão.

"Não havia nada de errado com Doc ou com nossos agentes, de quem não temos mais a companhia, mas para não incorrermos nos mesmos erros, era melhor simplesmente virar a página. Temos pessoas trabalhando para nós, mas ultimamente tomamos conta de nós mesmos."

É claro, com toda essa atividade atrás das cortinas e histórias de um desentendimento entre Jon e Richie terem se desenvolvido, todos os tipos de rumores apareceram na imprensa – como resultado disso houve o fato de Jon ter ficado bastante puto com inúmeras publicações, inclusive com essa revista (*Kerrang!*).

"Se você quer isso bem definido, é isso aí, eu estava muito puto. Eu acho que *Kerrang!* poderia ter me procurado pessoalmente e ter escrito a história correta, ao invés de ficar imprimindo rumores. Eu sei que a *Kerrang!* é lida por bastante gente e havia também algumas coisas que poderiam ser vistas como humor britânico, mas o resto do mundo acreditou nisso. E há outras latas de vermes em outras áreas conectadas conosco, mas é melhor deixá-las tampadas."

DAVE REYNOLDS

EM BUSCA DA PLATINA

Para o lançamento de *Keep The Faith*, a gravadora Mercury montou um esquema de divulgação grandioso para tentar repetir os cinco discos de platina que *New Jersey* obteve em 88. Alguns detalhes do plano de ação:

- Uma turnê-monstro por mais de vinte países
- Um especial de noventa minutos para a MTV com exibição mundial, onde o grupo interpretou seus hits em versões elétricos e acústicas, mais as do novo álbum e algumas covers
- Promoções variadas junto a grandes times de futebol americano como os New York Giants, Boston Celtics, Philadelphia 76ers e outros. Os arranjos com os clubes incluíram cupons com direito a descontos na compra de *Keep The Faith* para quem adquirisse os ingressos dos jogos, ao mesmo tempo em que os vídeos da banda seriam exibidos em telões nos intervalos das partidas
- Não só grandes cadeias de lojas de discos entraram na dança para colocarem a venda *Keep The Faith*, com sorteios de ingressos e passes para os camarins nos shows da banda entre quem adquirisse o disco. Uma cadeia de cinquenta cinemas fez uma promoção de seis semanas dando a cada espectador um cupom com um desconto de dois dólares na compra do álbum, além de projetar um clip do grupo antes dos filmes em cartaz.

PORRADA EM SEATTLE!

Cidade de Seattle, berço do mais moderno e puro Rock, Hard Rock.
É de lá que os grupos ALICE IN CHAINS e PEARL JAM vem mostrando para o mundo inteiro que fazer "Rock Porrada" é com eles mesmos.

CD • K7 • LP
Sony Music

Tem gente que ainda
acha que rap é moda ou acessório
de faixas de funk-metal. Muito
errado. O rap é um dos

RAP ATTACK

gêneros musicais mais ativos e
inquietos dos anos 90. Para provar,
aqui está a mais nova leva de
falastrões da praça

X-CLAN

George Du Bose (LF)

Pelo menos serviu para alguma coisa o espalhafatoso estilo Broadway de (MC) Hammer e a armação do Mauriciinho-Bad Vanilla Ice: provar que o rap poderia sobreviver como força criativa mesmo depois das dezenas de milhões de discos e a gigantesca máquina promocional que todo esse movimento financeiro acionou. Catapultado ao consumo de massa no fim dos anos 80, o rap corria o sério risco de virar uma paródia de si mesmo com a previsível avalanche de novatos em busca de um lugar ao sol. Essa nova safra, ao contrário, injetou ânimo ao estilo fugindo dos clichês e assimilando novas informações musicais. O rap dos anos 90 tem lugar para *dreadlocks*, levadas *disco*, túnicas afro, sonoridades acústicas, melodias soul e peso funky.

Alguns desses novos nomes vêm apresentados por "veteranos" do hip-hop. É o caso de Ice Cube, que produz o LP de estréia de seu primo Del Tha Funkee Homosapien. Mas Del não faz a linha "gângster revoltado" de Ice Cube. Apoiado por retumbantes *funky grooves* estilo Parliament (o próprio George Clinton participa em uma faixa do disco) o rap desse garoto de dezenove anos analisa com muita ironia e bom-humor a vida nas ruas de Oakland, Califórnia. O resultado é bem dançante, em clima de festa.

Do outro lado da América, em Nova York, a "família" Native Tongue do De La Soul, Jungle Brothers e A Tribe Called Quest põem mais um na roda: o duo Black Sheep. Mas nada daquele visual afro-hippie desses grupos. Elegantemente vestidos com paletós Armani, eles só têm em comum a maneira suave e *cool* de proferir seu rap. E com um pé nas pistas de dança. Seu maior sucesso, "Strobelite Honey" sampleia "Take Your Time", da SOS Band, e retoma a conexão disco/rap da pré-história do hip hop.

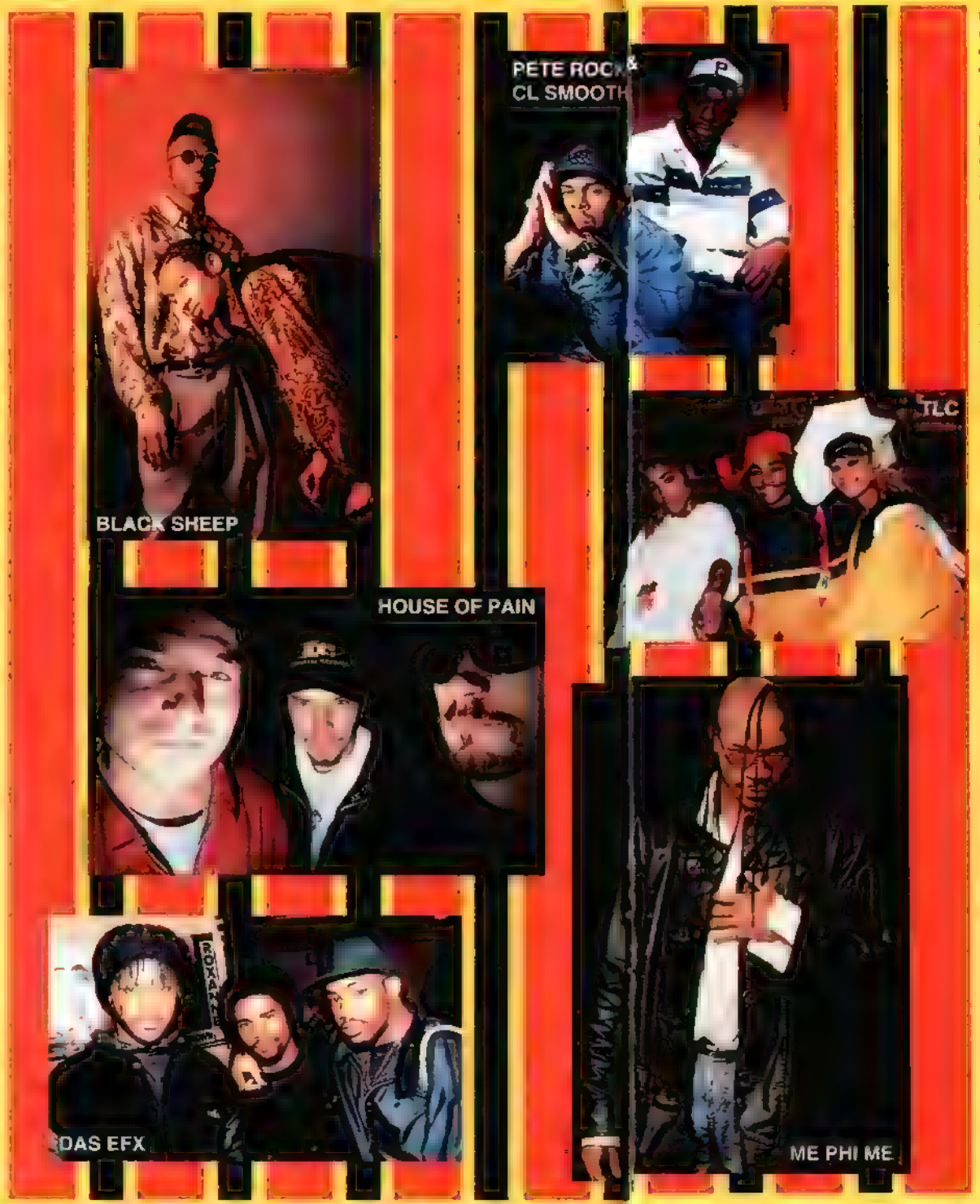
Bem mais invocado é o discurso do ex-boxeador K-Solo. Alguns anos atrás, ao reagir às provocações racistas de dois motoqueiros brancos, K-Solo acabou puxando dezesseis meses de detenção. Com a ajuda dos consagrados rappers do EPMD ele conseguiu lançar em 90 seu primeiro LP *Tell The World My Name*. E foi ao dizer seu nome, durante uma visita a seus ex-colegas no presídio, que K-Solo descobriu que seu mandado

de prisão ainda não havia sido revogado. Mais duas semanas em cana até desfazer o mal-entendido. O episódio serviu para que ele detonasse ainda mais sua indignação em seu álbum seguinte, *Times Up*, lançado este ano e mais uma vez produzido por Parrish Smith e Erick Sermon do EPMD. As letras, como não poderia deixar de ser, falam sobre suas experiências na prisão e da violência entre os próprios negros.

O enfoque educacional desses problemas é a tônica do trabalho da dupla formada pelo DJ Pete Rock e o rapper CL Smooth, outra das novidades da Costa Leste. Após se tornar conhecido por seus remixes para Public Enemy, Heavy D e Shabba Ranks, Pete Rock agora utiliza seu vudu em causa própria, aliado a seu amigo de infância C.L. Avessos a modismos, eles mantêm o que se pode chamar de estilo "clássico" *beats* básicos e rap com divisões tradicionais.

O TLC é a versão digital das girl groups dos anos 60. Só que elas são abusadinhas

Mas nem só de marmanjos vive o hip-hop. Depois das pioneiras Sweet Tee, J.J. Fad e Salt 'n' Pepa, o foco das atenções está agora nas gatinhas do TLC, a versão digital dos *girl groups* dos anos 60. Só que desta vez elas são abusadinhas, cantam o prazer sexual feminino e tratam os homens como meros objetos. T Box, Left Eye e Chinti também lançam moda com suas roupas *oversized*, coturnos e chapéus engraçados. Pop, no melhor sentido da palavra. O oposto exato da panfletária (e pentelha) Sister Souljah, que mesmo apadrinhada pelo Public Enemy fez uma estréia entediante em seu *360 Degrees To The Power*. Já as ligações do rapper 2Pac com a militância vêm de longa data, ele costuma dizer que já estava na cadeia quando ainda era um feto. Sua mãe, integrante do movimento radical Panteras Negras, estava grávida ao ser presa no início dos anos 70. O hereditariamente revoltado Tupac Amaru (seu nome de batismo) fez parte do swingante e divertido Digital Underground antes de lançar sua cruzada solo.



Numa sociedade racialmente dividida como a americana, o rap feito por brancos sempre teve como objetivo adequar o hip hop ao consumidor de classe média. Começando pela anarquia OK dos Beastie Boys até descambar nas presepadas de Vanilla e Marky Mark. Era preciso que aparecesse algo como o House Of Pain para restabelecer alguma credibilidade aos rappers brancos. Para começar, eles também fazem parte de uma certa "etnia" minoritária e sofrida — o êxodo de imigrantes irlandeses que desembarcou nos EUA no século passado, fugindo da fome na Europa. Com a fúria e as tatuagens de uma banda hardcore, Everlast, Danny Boy e DJ Lethal fazem um som igualmente cru e violento e proclamam que a malandragem das ruas não é privilégio de raça nenhuma.

Identidade étnica também é o departamento do X-Clan, que promove a conscientização afro-americana com ênfase mística no álbum *Xodus — The New Testament*. Com argolas no nariz e pose de feiticeiros africanos apocalípticos, eles são uma espécie de Public Enemy tribal — mas estão a milhões de anos-luz do *punch* musical destes.

Algumas das grandes surpresas da temporada vêm no entanto de fora do eixo NY/Califórnia. Seattle, por exemplo, não é só a capital dos cabeludos *grunge*. No território do Central District quem manda é Sir Mix-A-Lot, ele não é exatamente um novato, mas só veio a conhecer o doce sabor do sucesso em seu terceiro LP, produzido pelo "Midas" Rick Rubin, do selo Def American. Vendeu mais de um milhão de cópias do single de "Baby Got Back", uma hilária ode às curvas femininas posteriores. À princípio pode parecer algo do tipo "Meló da Bunda" mas na verdade é uma crítica à imposição dos padrões antropométricos WASP — magricela, de peitão e perna fina como ideal de beleza. A preferência nacional brasileira vira assim o "orgulho da raça" de Mix-A-Lot.

Do Sul, mais precisamente no estado da Geórgia, surgiu a grande sensação do ano: o mais que híbrido Arrested Development. O nome faz menção às

RAP ATTACK 92

limitações impostas ao pleno desenvolvimento da raça negra na América, mas o som do grupo (uma inédita combinação entre blues, funk, gospel e rap) amplia e redefine as fronteiras daquilo que um dia se chamou hip hop. Sampleando Sly & The Family Stone e Earth, Wind & Fire (os papas do paz, amor e funk), o Arrested Development defende a preservação dos valores culturais e espirituais de seus ancestrais como fator de unificação. Afinal, foi bem ali nas *plantations* do Sul, que tudo começou.

Com seu estilo único, pessoal e intransferível, o Das EFX surgiu como uma bomba no último verão americano. Consumando o namoro entre rap e raggamuffin, as pirotecnias verbais de

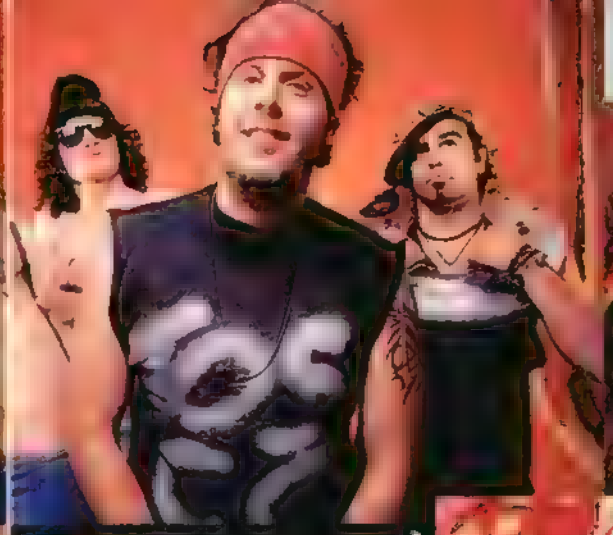
O Arrested Development faz uma inédita combinação entre blues, funk, gospel e rap

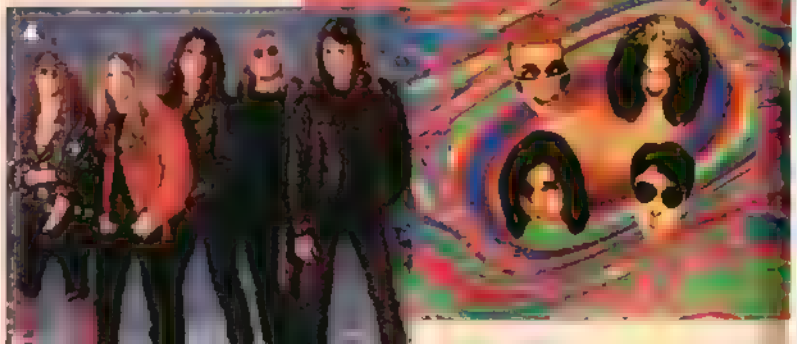
Dray e Skoob desmantelam quaisquer divisão métrica, acelerando e reduzindo bruscamente, inventando palavras e surpreendendo a cada instante. Descobertos durante um concurso de rap em Richmond, Virgínia, pelo EPMD (de novo!) eles movam também no visual dos dreadlocks à ambientação de seus clips, rodados em subterrâneos inundados, em clima de pós-fim do mundo.

É virtualmente impossível comentar todas as boas estréias do ano em tão pouco espaço. As divertidas emboladas do Fu-Schnickens, as experiências acústicas de Basehead e Me-Phi-Me ou o balanço de Grand Puba, por exemplo, mostram o quanto o rap ainda pode evoluir nesta década. E se você é daqueles que não suporta uma falação ritmada é bom ir se acostumando. Assim como o "efêmero" rock 'n' roll dos anos 50, o rap veio para ficar. *CLAUDIO CAMPOS*

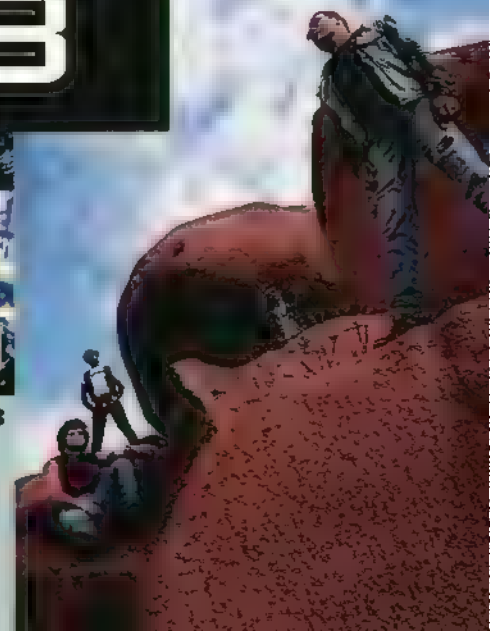
SAÍDA PELA TANGENTE

1- YO-HO-DELIC
2- OKOTÓ
3- PLEBE RUDE
4- YANKEE
5- FÁBRICA FAGUS
6- INOCENTES
7- VOLKANA
8- BANDA BEL
9- DE FALLA
10- KILLING CHAINSAW
11- LOOP B
12- LEVIAETHAN
13- BEIJO AA FORÇA
14- OFF THE WALL
15- PIN-UPS





EM MEIO À MAIOR CRISE DE MERCADO ENFRENTADA PELAS GRANDES GRAVADORAS, INDEPENDENTES RETORNAM COM FORÇA TOTAL. SÃO MAIS DE TRINTA DISCOS CHEGANDO ÀS LOJAS NESTA VIRADA DE ANO, DOS QUAIS 25 SÃO ESTRÉIAS

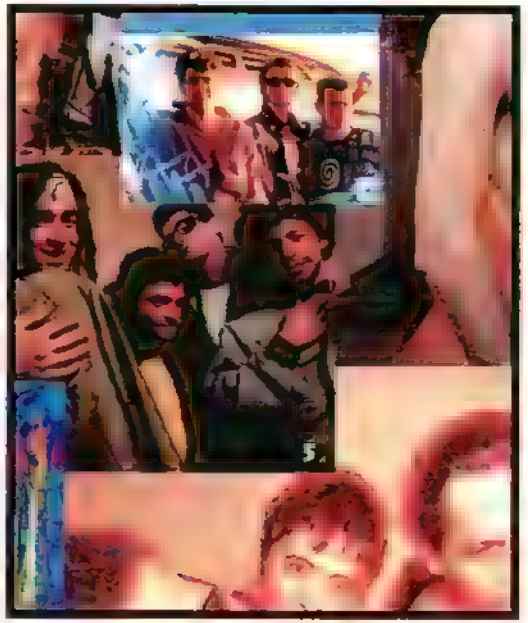


O rock brasileiro morreu. Mas só nos planos obtusos dos diretores de *marketing* das grandes gravadoras multinacionais que sempre vão tratar impessoalmente um disco – teoricamente *container* de uma obra de arte – como "nosso produto". Se as multinacionais se apressam em providenciar o enterro do rock nacional (incluindo seus próprios e, até há pouco, bastante vendáveis "produtos" do gênero), o rock pula do caixão e toma outras formas e nomes por meios independentes.

ENTRE TAPAS E BORDOADAS

Este ano, quando quase nenhum dos grandes do rock nacional (Engenheiros Do Hawaii, *junkies* de estúdio, são exceção) deu as caras, a produção independente colocou no mercado cerca de trinta discos. Isso, em um período caracterizado por uma profunda crise política aguda e por uma recessão que foi alardeada aos quatro ventos quase como um mérito nacional, o de se sobreviver em meio à merda econômica jogada no ventilador pelo diarréico governo de Fernando Collor.

Em 92, venceu quem investiu em trabalho e produção em plena crise, perdeu quem preferiu apoiar a cultura sertaneja alagoana dos mauricinhos de narizes empoados. Perderam as grandes gravadoras que entupiram o mercado de duplas sertanoides. Ganharam dinheiro, mas perderam respeito. Como Collor, o mentor do caipirismo urbano neo-brega, elas merecem receber o *impeachment* de toda uma nova geração interessada ainda (e sempre) no rock como obra eternamente aberta e em constante mutação.



DO-IT-YOURSELF

Quanto custa gravar um disco independente? "Não espalha, mas o custo de um CD é o mesmo de um LP", dizem contentes os integrantes do grupo mineiro Skank. Por conta própria, eles registraram em disco digital a música que vêm fazendo há um bom tempo na capital mineira, provando que nem só dos peso-pesados da gravadora Cogumelo vive o rock das Alterosas. O Skank faz um pop honesto que transparece na cristalinidade dos skas e reggaes incluídos no seu CD de estréia. Outro grupo que investe no CD logo na estréia é a Banda Do Quarto Mundo, pelo selo Cristal, de propriedade de Paulo Maluhy, dono de uma pizzaria (com o mesmo nome da gravadora), que atua como percussionista e mecenas da banda da radialista Sonia Abreu.

Enquanto as grandes gravadoras podem inundar as redações de jornais e revistas e estúdios de rádios com amostras grátis de seus "produtos", os lojistas estão dando o troco ao transformarem suas lojas em gravadoras. Dois casos são Zoyd e Cri Du Chat.

A primeira começou apostando em Gash, uma encarnação mais melodiosa do grupo paulista Pin Ups, segundo seus próprios integrantes, e nos nada soft rapazes do Killing Chainsaw, vindos de Piracicaba, mostrando que nem só de adoradores de Chitãozinhos vive o interior paulista. Rodinei Luiz, um dos sócios do novo selo/loja, diz que foi uma aposta no novo rock e, claro, num mercado em expansão.

Os sinais de expansão chegam a animar Luiz Calanca, dono de uma das primeiras lojas/gravadoras, a Baratos Afins, a voltar a investir no rock. "Mas mais por farra, porque dinheiro nunca vai dar", diz o experiente independente.

DO TECNO AO HEAVY

Outra dessas lojas, a Cri Du Chat tem objetivos que se poderia qualificar de mais ideológicos: a divulgação da "maldita" música eletrônica. Herdeiros da turbulência tecnotrônica do Kraftwerk e comungando os mesmos preceitos de contemporâneos como Front 242, os projetos Símbolo e Loop B chegaram em CD e LP, respectivamente, pela Cri Du Chat.

O grito de independência também tem ecoado fora do tradicional limite de Rio e São Paulo. De Belém do Pará, o grupo Alibi de Orfeu chegou fazendo um pop turbinado, enquanto a Prefeitura de Niterói, que já tinha apoiado a turma da música instrumental, também deu vez e voz ao rock em uma coletânea de grupos cariocas e no disco do grupo de hard rock Terceiro Lado através da Niterói Discos.

Se os independentes têm de ficar fazendo rateio de custos para conseguir uma produção competente, as grandes bancam do bom e do melhor para suas bandas. Sentados em um saguão de hotel em Copacabana nos primeiros dias de novembro, os gaúchos do Rosa Tatooada estavam felizes da vida, exibindo seus longos cabelos e muitas tatuagens para espanto dos turistas argentinos. Gravando no estúdio Nas Nuvens com algumas faixas produzidas por Thedy Corrêa, vocalista do Nenhum de Nós.

O Rosa é um dos raros novos grupos de rock contratados por uma das grandes, a Sony, em 92. Em março, o disco chega às lojas trazendo um hard rock que encontra parâmetros em grupos estrangeiros do gênero, certamente um dos motivos de sua contratação pela Sony. Além do Rosa Tatooada, a Sony investe nesta virada de ano no, tam-

FINALMENTE NO BRASIL UM GUIA COMPLETO COM MAIS DE 7.000 CDs DE ROCK DO MUNDO INTEIRO.

- *MAIS DE 250 PÁGINAS*
- *MAIS DE 7.000 CDs*
- *DISCOGRAFIAS COMPLETAS*
- *PEQUENA BIOGRAFIA DE CADA ÍDOLO*
- *UM GRANDE PRESENTE PARA QUEM GOSTA DE ROCK*

VALE Cr$ 10.000,00
NA COMPRA DE UM EXEMPLAR DO ANUÁRIO BIZZ CLÁSSICOS DO ROCK EM CD.
TROCA VÁLIDA ATÉ 24/12/92
CADA COMPRA PERMITE A UTILIZAÇÃO DE APENAS UM CUPOM. NÃO É VÁLIDA A UTILIZAÇÃO DE XEROX OU QUALQUER OUTRO TIPO DE CÓPIA.

bem hard, rock do Yankee. Igualmente gravado com todos os luxos, o album de estreia da banda soa mais como um oportunismo da gravadora em capitalizar a onda de rock pesado que assola o pais, independente dos meritos (existentes) do trabalho do Yankee

Há tambem quem viveu o lado do sucesso e trocou tudo pela independência. E o caso de Peninha Schmidt. Diretor artistico da Warner, um dos articuladores do rock Brasil geração 80 e responsável pela produção de discos dos Titãs, Ira! e Ultraje a Rigor, entre outros, Peninha aproveitou a experiência na criação da Tinitus, sua propria gravadora. Uma mostra do elenco versatil do novo selo está na coletanea que reune do samba noise dos mineiros do Virna Lisi ao pop inocuo de Bel e Off The Wall, passando pelo funk turbulento do Yo-Ho-Delic e pela saudável miscigenação sonora dos curitibanos do Beijo AA Força. Na sequência, a gravadora lançou os albuns individuais dos grupos de seu *cast*, produzidos tanto pelas proprias custas dos artistas (caso do Off The Wall e do Beijo AA Força), quanto bancados pelo proprio selo, como o Yo-Ho-Delic e Virna Lisi

METAL FORTE

Já antigas no mercado, Cogumelo (de Minas), Rock Brigade e Devil Discos (as duas de São Paulo) têm se dedicado com mais atenção as diversas manifestações do rock barra pesada, do hardcore ao thrash. Chicão, dono da Devil, fala frases curtas e rapidas, como se falasse com o homem do imposto de renda. Sem querer ser tachado de "gravadora heavy metal", Chicão sempre apostou na diversidade, do rockabilly ao besteirol pop. Em 92 lançou Korzus, Colera, Sacred Curse e Lingua de Trapo. "A Devil banca as gravações dos grupos que nos interessam" diz Chicão. A tiragem media fica em torno de duas mil copias. Mas depende do artista

Para o próximo ano, a Devil ja tem engatilhado um novo disco dos Pin Ups. Fechando o ano com um disco do grupo gaucho Leviaethan, a Rock Brigade tambem tem seus motivos para festejar a independência do rock nacional, especialmente porque já está nessa ha muito tempo. A tiragem dos discos da Rock Brigade variam de mil a tres mil cópias e, no caso dos grupos nacionais, os custos são divididos entre gravadora e musicos, uma solução para driblar a

NEGÓCIOS COM "TUBARÕES"

João Eduardo, da Cogumelo, rende louvores ao sucesso internacional do Sepultura. O dinheiro que consegue com os primeiros discos dos irmãos Cavalera, gravados para a Cogumelo, tem sido reinvestido na produção de novos grupos ou mesmo nomes que foram escanteados pelas grandes gravadoras por não se comportarem como "produtos" vendaveis. Fala-se de DeFalla e seu novo *Kingzobullshit*, um quase disco solo do vocalista Edu K, e em lançamentos recentes do selo como os discos do Sextrash, Expulser e Witchhammer

Em São Paulo, quando Garotos Podres terminavam um novo disco com produção de Roger Moreira (do Ultraje A Rigor), Marcelo Nova (ex-Camisa de Vênus) entrava na guerrilha gravando material no estudio Transamerica. "Com a fita na mão posso ate negociar com os tubarões, mas não caio mais naquela jogada dos cinco por cento para o artista", diz o baiano irado. Outros remanescentes do movimento punk, os Inocentes chegaram com disco novo pelo Cameratti, um selo de Santo André (SP) preocupados com a "classe" de seus lançamentos que na area da MPB tiveram Arrigo Barnabé e Eliete Negreiros como destaques

A gravadora Eldorado, outra que sempre se dedicou à MPB com afinco, acabou vendo no rock a solução para uma aguda crise financeira em tempos de recessão. O Okotô engrossa as fileiras defendidas por Sepultura, Ratos De Porão e Volkana com *Monstro*, um disco literalmente curto e grosso para surpresa de quem aprendeu a admirar o lado pop da banda

BRASIL OU EXTERIOR?

A duras penas, conseguiram ainda lançar seus discos em 92 o veteranissimo do metal Dorsal Atlântica (heavy), comemorando seus dez anos de carreira; o Firebox, destilando suas influências do Motorhead em um excelente LP de estreia. Plebe Rude, tentando uma volta ao cenario pela gravadora independente carioca Natasha; os headbangers baianos do Mystifier e Slavery, o catarinense Orquidea Negra, com seu heavy tradicional, pela gravadora Antidoto, de Porto Alegre, e o pesadao Avalon

E enquanto alguns lutam desesperadamente para lançar um disco, outros parecem abençoados pelo céu como o Wonderland, do Rio de Janeiro. Eles gravaram uma demo cujas musicas foram lançadas em um compacto pela gravadora independente alemã Disgraceland. Agora o Wonderland espera para gravar seu primeiro album pela Disgraceland, o que pode acontecer na Alemanha, coincidindo com uma serie de datas de shows por la e em outros paises europeus. E assim o rock brasileiro permance vivo. Entre golpes de sorte ou pela persistência de quem acha que não é preciso ser rotulado como "produto" para ser ouvido

JIMI JOE

GUIA DA IMAGEM E DO SOM

UMA SUPER PRODUÇÃO EM ALTOS DECIBÉIS

VOCÊ NUNCA VIU NEM OUVIU NADA IGUAL

IMAGEM

Finalmente a empresa que mais entende de áudio no país lançou sua linha de televisores e outros produtos de vídeo. Como já era de se esperar, o som desses equipamentos é inigualável. Mas o mais importante é que não é só isso: a imagem Gradiente é tão especial quanto o som Gradiente. Confira.

HRM-29S - HIGH RESOLUTION MONITOR

Equipamento que reúne o que há de mais moderno no campo de áudio e vídeo. Televisor com Cinescópio Full-Square 29 polegadas Bi-System Pal-M /NTSC, automático e resolução horizontal de 700 linhas (NTSC). Som inigualável, graças ao Hyper Bass Sound System (maior perfeição na reprodução de sons graves) e ao Matrix Surround e Biphonic Sound (som espacial).

HRM-29S

Tem entrada S-Vídeo para conexão de vídeo cassete Super-VHS ou Multi Disc Player, saídas e entradas de vídeo e áudio stereo e saídas para falantes externos para uso do Surround. Possui Comb-Filter, que proporciona maior resolução nas imagens à cores dos 180 canais VHF, UHF e Cabo que esse televisor faz a recepção. Para que você possa desfrutar ao máximo seu equipamento, ele possui On-Screen Display do tipo Menu, colorido e em português, que facilita a operação de funções como AV Status Memory, Home Sitter, Channel Guard, Noise Mute, entre outras. Para seu conforto, o High Resolution Monitor possui um controle remoto completo, que aciona todas as suas funções. Além disso, através da função Learning, ele "aprende" as funções de outros aparelhos, como o vídeo-cassete e o Multi Disc Player MDP 100, controlando-os também.

LINHA NEXT

Next é a linha de televisores de última geração da Gradiente, que incorpora o One Chip Color TV, a mais avançada tecnologia em televisores. Seu sistema Wide Range Voltage se ajusta automaticamente para qualquer tensão de rede elétrica (90 a 250 Volts, 60 Hz). Possui sintonia FST de 105 canais VHF, UHF e Cabo, auto-programação de canais, Sleep Timer, Auto Switch Off e Tecla AP (Ajuste Preferencial). Seu controle remoto é inteligente, completo e de fácil operação, com teclas coloridas para você nunca se enganar. De forma didática e explicativa, suas funções aparecem na tela em português, através do On Screen Display colorido, num Menu com todas as opções. Os 3 modelos da linha — GT 2015 Stereo, GT 2011 e GT 1411 — possuem todas essas características além de outras vantagens.

GT 2015

NEXT GT 2015 STEREO

Esse modelo chama a atenção pelo seu áudio: som estéreo Gradiente com MTS (que permite a recepção de transmissões de TV em estéreo) e SAP (opção de canal de som original ou dublado), com controles independentes de graves, agudos e balanço. Tem compatibilidade de cor, design e controle remoto com os Systems AV da Gradiente (DS-800, DS-900 e DS-1000) e entrada e saída de áudio e vídeo para a ligação de vídeo-cassete, câmera de vídeo ou toca-discos laser de áudio e vídeo.

IMAGEM

GT 2011

NEXT GT 2011 E NEXT GT 1411

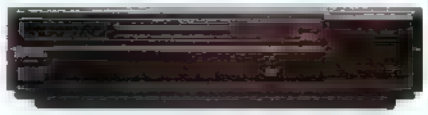
Em 20 ou 14 polegadas, esses modelos oferecem entradas para a ligação de vídeo-cassete, vídeo-game ou câmera de vídeo. O som é Gradiente com dois alto-falantes "Full-Range". O modelo de 14 polegadas ainda acompanha antena telescópica.

GT 1411

MDP-100 - A V MULTI DISC PLAYER

Esse aparelho tem capacidade de reprodução de todos os tipos de discos laser de áudio e vídeo: CD Single, CD, CDV, CDV-LD 8" e CDV-LD 12". Possui resolução horizontal excepcional, de 425 linhas (NTSC), e som digital da mais alta qualidade. Conta ainda com a opção de efeitos especiais nos discos CAV: Still, Frame Search, Multi High Speed, entre outras, além de reproduzir imagens nos sistemas NTSC e PAL-M. Tudo isso sem complicação com On-Screen Display: todas as funções aparecem na tela, através de um menu completo de opções.

MDP-100



GCP 120C - VIDEO MAKER

A Video Maker é uma câmera de vídeo VHS-C leve, com todos os recursos disponíveis em câmeras maiores, sem ser complicada: é muito fácil de operar. Possui Power Zoom Motorizado com aproximação de 8 vezes, Auto Focus e sensibilidade de 1 Lux que permite gravações com pouca luz. Possibilita, além de data e horário, a inserção de idade: você programa a data do seu aniversário e ela mostra sua idade no momento da gravação, conforme a sua vontade. Conta ainda com o sistema High Speed Shutter, um obturador de alta velocidade ajustável para até 1/4000 seg., que mantém a definição mesmo com a imagem congelada, e a função Fade-In e Fade-Out, que elimina os cortes bruscos entre as gravações. O sistema Auto Head Cleaner elimina a preocupação com a manutenção da câmera: faz a limpeza automática das cabeças. Dentre os inúmeros acessórios que acompanham a Video Maker está incluído um transcoder externo NTSC/PAL-M, super compacto, que liga a câmera diretamente ao seu televisor, independente do sistema em que ele funciona.

GCP 120C

Ombro pra cima, cabeça pra baixo, peito pra fora, mãos pra dentro, olhos fechados, boca aberta, pés no chão, grito no ar. Ligue o seu Gradiente.

A VIDA SERIA MUITO LOUCA SEM GRADIENTE.

gradiente

GRADIENTE. A SUA TRILHA SONORA

ÁUDIO GRADIENTE: PARA QUEM EXIGE QUALIDADE

SOM

A linha de áudio Gradiente oferece vários modelos desenvolvidos dentro da mais alta tecnologia [illegible] com a linha de TVs e CD Players através de controle remoto unificado e módulos compatíveis. Conheça aqui a linha de systems da Gradiente e escolha seu modelo

ESOTECH AV 3.0

ESOTECH AV 3.0

Equipamento de som modular completo, num rack com sistema exaustor e porta em vidro temperado, com fecho magnético e chave. Seu Audio Video Receiver, com 160W RMS de potência, tem controle remoto programável, 3 sistemas de surround digital (Dolby, Stadium e Hall), equalizador gráfico para 7 faixas, quarenta memórias programáveis de AM/FM e conexões áudio vídeo. Todo o conjunto tem comutação automática pelo sistema Compulink. O Double Cassete-Deck conta com Auto Reverse, Hi-Speed, Continuous Play e Music Search e tem sistemas Dolby B e C de redução de ruído e seleção automática de fitas (Me/CrO2 N). Já o toca-discos laser tem magazine para 6 CDs, com memória programável de 32 seleções desses discos, além do Random Play e Repeat. O toca discos analógico é totalmente automático, com ajustes de Overhang e Anti-Skating. Para comprovar a qualidade do som caixas acústicas sistema Bass-Reflex de 3 vias com Ribbon Tweeter, Mid-Range tipo domo e dois Woofers em polipropileno, mais duas compactas de duas vias para efeito surround

Dentro do Remote Control Digital System (sistema digital de controle remoto), a Gradiente oferece 4 modelos: Caliber, Citation, Target Premium e Robot. Cada um conta com características próprias, mas todos com a qualidade Gradiente

CALIBER

CALIBER

Modelo de grande potência (80W RMS) com sistema de conexões com entradas e saídas para áudio e vídeo. Duplo Deck com Auto Reverse, Dolby B, Hi Speed, VU de LEDs, Rec Level, AMS (Automatic Music Search) Tape Counter, Full Auto Stop, seleção automática de fitas (normal, cromo ou metal) e Continuous Play. Seu toca-discos Belt Drive é semi-automático, 33, 45 rotações e com cápsula magnética. Tem tuner digital com 24 memórias AM/FM e

SOM

Memory Scan, display fluorescente com relógio (AM/PM 12 horas) além de controle de volume rotativo (motorizado). O resultado é garantido pelas caixas acústicas Bass Reflex de três vias. Funções Sleep, Matrix Surround, Loudness e TV/VCR nas suas mãos com o controle remoto A/V unificado, que comanda e controla também os Televisores e CD Players da Gradiente

TARGET PREMIUM

CITATION

Também dentro do Remote Control Digital System, esse modelo tem 40W RMS de potência. Apresenta duplo deck com as mesmas características do Caliber. Seu toca-discos é modular com sistema Belt-Drive e retorno automático do braço, 33/45 rotações, Lift e cápsula magnética.

TARGET PREMIUM

Com 28W RMS de potência e caixas acústicas Bass Reflex, esse modelo tem um duplo cassete-deck com Hi Speed e Continuous Play. Controle de volume rotativo, equalizador de 5 faixas, Mic-Mixing e tuner digital com capacidade para 24 memórias AM/FM.

ROBOT

Modelo duplo deck com Auto Reverse, Hi-Speed, Continuous Play, One-Touch Recording, Synchro-Dubbing e Tape Counter. Com potência de 60W RMS e caixas acústicas Bass Reflex, possui controle de volume rotativo motorizado e tuner digital com 24 memórias AM/FM e Memory Scan. O controle remoto controla também os CD Players da linha Gradiente.

STRIKE

O modelo Strike, com 14W RMS de potência e caixas acústicas Bass-Reflex, tem um duplo cassete-deck com Continuous Play, Synchro Dubbing, One Touch Recording e Auto Stop. Seu toca discos, com sistema de tração Belt Drive, tem retorno automático do braço e Lift. Conta ainda com Mic Mixing, tuner analógico AM/FM/TV1 TV2 e equalizador gráfico de 3 faixas. Aqui o grande diferencial é o TV Sound, função que sintoniza o som de até dois canais de (VHF).

STRIKE

RUSH

Também com 14W RMS. Rush é um duplo deck com Auto-Stop, One Touch Recording, Continuous Play e Synchro Dubbing que possui entrada Aux/CD, para conexão de toca discos laser ou vídeo, também presente no modelo Strike. Além disso conta com o Mic-Mixing (karaoke).

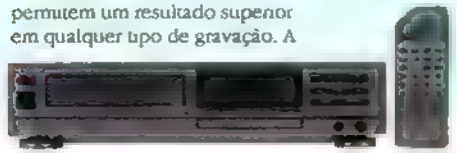
O MAIS PURO SOM LASER

CD PLAYER

A linha de CD Players Gradiente acompanha o ritmo alucinante da evolução desse tipo de equipamento, que está sempre se renovando. São 4 modelos que combinam inovações tecnológicas com um design bonito e avançado

CDP4000

Com Multifunction Fluorescent Display, que indica o status da operação que está sendo realizada, esse modelo possui filtro digital com 8 x oversampling e duplo conversor digital/analógico (DAC) de 18 bits. Suas múltiplas funções permitem um resultado superior em qualquer tipo de gravação. A função Edit seleciona as faixas a serem gravadas nos lados "A" e "B" da fita, de acordo com sua duração (C-45, C-60 ou C-90); a função Shuffle muda aleatoriamente a sequência das músicas contidas no disco, além da função Repeat para uma faixa, todo o disco, todo o programa ou trechos A-B de uma faixa. Possui ainda Deck Synchro, que efetua pausa e gravação automática nos systems Citation e Caliber da Gradiente. Além de ser compatível com o novo formato do compact disc (Mini-CD de 3"), você ainda tem o conforto do controle remoto, que aciona todas essas funções



CDP4000

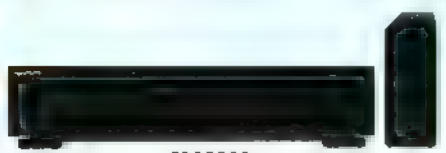
ainda a função Intro-Scan com duração programável, que reproduz o início das músicas contidas em cada disco ou programa

CDP1000, CDP2000, CDP3000

Esses modelos funcionam com laser de feixe triplo (3-Beam Laser Pick-up) e são compatíveis com qualquer equipamento de áudio com entrada CD. Tem duplo conversor digital analógico de 16 bits, memórias programáveis para 16 músicas na ordem desejada, funções Shuffle e Repeat e também são compatíveis com o novo Mini-CD de 3". Encontrado nas versões CDP-1000, CDP-2000 (com controle remoto), compatíveis com os systems Rush e Strike, e CDP-3000 (com controle remoto) e compatível com os systems Target Premium, Robot, Caliber e Citation da Gradiente.

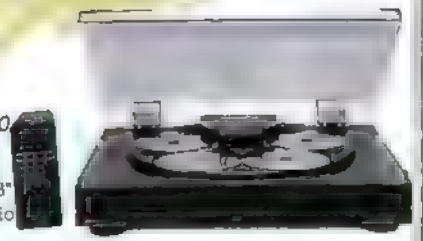
MICRO SYSTEM LASER FREEDOM

Modelo portátil, com potência de 7W RMS e alimentação via pilhas, bateria de automóvel ou rede 110/220V. Tem um CD Player programável (16 músicas) com Duplo Cassete-deck com Hi-Speed, Tape Counter no Deck Rec/Play, Full Auto-Stop, Continuous Play, Mic-Mixing (karaoke), Synchro Dubbing e One-Touch Recording. Possui equalizador, saída para headphone e caixas acústicas destacáveis (sistema Bass Reflex de duas vias)



CDP3000

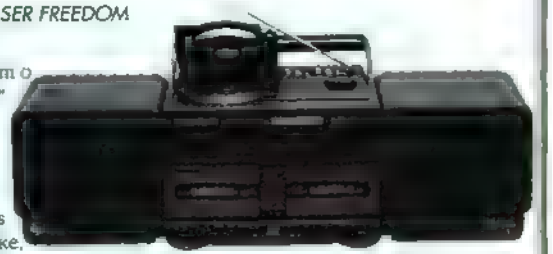
CDC3500



CDC3500

Esse modelo faz a reprodução automática de até 5 CDs e/ou Mini-CDs, com a vantagem do sistema Top-Loading, que permite a fácil e rápida substituição de até 4 discos mesmo durante a reprodução. Duplo conversor digital/analógico (DAC) e memória programável para 32 seleções musicais. Além das funções Shuffle e Repeat (repetição de uma faixa, um disco, todos os discos, faixas programadas e reprodução aleatória), possui

LASER FREEDOM



JUKEBOX

O pianista Manfred Mann e o baterista Mike Hugg formaram o grupo Mann-Hugg Blues Brothers em Londres no início dos anos 60, mas queriam mesmo montar uma grande banda de jazz. Somente a casualidade colocou-os mesmo no centro do rhythm'n'blues inglês e na trilha do sucesso da música pop. Tem-se a falsa impressão de que o r&b britânico surgiu em decorrência do sucesso da música beat, quando na verdade ele já existia desde meados dos anos 50. Quando em 64, o estilo ocupava os jornais e revistas como uma "nova" tendência, já tinha la sua história, uma pequena tradição e seus heróis: Alexis Korner, Cyril Davis, Chris Barber, Long John Baldry e ainda uma insinuante nova geração, que incluía Rolling Stones, Yardbirds, Zoot Money, Pretty Things e muitos mais.

MANFRED MANN

Como banda de jazz moderno, a Mann-Hugg Blues Brothers não durou um ano. Logo tiveram que adicionar um cantor (Paul Jones), reduzir a banda de oito para cinco músicos e tocar r&b para sobreviver. Pouco depois perceberam que teriam que adotar também um repertório pop para conseguir contratos. Simplificaram o nome do grupo para Manfred Mann apenas, para não se identificar com nenhum tipo de música e então foi como se existissem três bandas diferentes numa só, a jazzística com elaborados temas instrumentais (fãs do Jethro Tull ficariam em desconforto ao ouvir as intervenções de flauta de Michael Vickers nas primeiras gravações do Manfred Mann), a de r&b com seu ataque selvagem e a pop, dos infalíveis hits registrados em 45 RPM.

A incrível versatilidade do Manfred Mann pode ser comprovada nos seus discos. O primeiro álbum, *The Five Faces Of Manfred Mann*, foi puro r&b. No segundo, *Mann Made*, o estilo misturava-se a temas jazzísticos num coquetel sofisticado que nenhuma banda da época ousou repetir. Os singles e EPs traziam os hits e as covers que os colocavam no topo das paradas. Foram dezoito hits seguidos, incluindo "Do Wah Diddy Diddy", "5-4-3-2-1", "The One In The Middle", "Pretty Flamingo" etc. Um dos últimos grandes hits da banda – "Mighty Quinn" – foi escrito especialmente para eles por Bob Dylan, um fã de carteirinha. Bob, em 65, encantado pelo tratamento que Manfred Mann tinha dado a duas músicas suas ("If You Gotta Go, Go Now" e "With God On Our Side"), declarou publicamente que o Manfred Mann era sua banda preferida.

Michael Vickers foi o primeiro a abandonar o grupo, seguindo sua opção pelo jazz. Paul Jones deixou a banda em troca de uma carreira cinematográfica e discos solos. Michael D'Abo o substituiu e os hits continuaram acontecendo. Mann ainda produziu o Mark Leeman Five e os Yardbirds. O grupo se desfez no final dos anos 60. Mann e Hugg permaneceram juntos em dois projetos falhos: as bandas Emanon e The Chapter Three. Em 72, fundaram a Manfred Mann's Earth Band – uma bem-sucedida experiência com música progressiva – e os hits voltaram. Para matar as saudades, nos anos 80, Paul Jones e Tom McGuiness reapareceram com outro projeto (The Blues Band), uma espécie de reencarnação do velho e antológico Manfred Mann.

RENE FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

THE FIVE FACES OF MANFRED MANN — 8/64 (Ascot/HMV)

MANN MADE — 10/65 (Ascot/HMV)

THE R&B YEARS — 2/82 (coletânea, See For Miles)

É melhor você começar a ler o Estadão.

Recorte e dê para aquele seu cunhado que só fala de futebol.

Se existe uma coisa tão chata quanto a falta de assunto, essa coisa se chama falta de outros assuntos. Quem lê o Estadão está preparado para mais de 90 minutos de conversa: bastidores da política, reviravoltas da economia, negócios, moda, turismo, cultura e tudo aquilo que está acontecendo de interessante no momento. Até futebol. Na próxima vez que alguém vier com o mesmo papo pela décima quinta vez, mostre que você também é fanático por outros assuntos: dê um cartão vermelho.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Orgasmos Múltiplos

Na segunda parte da entrevista inédita, Madonna revela outros detalhes dos prazeres e desventuras do megaestrelato

O envolvimento de Madonna com o cinema tem sido incrementado pelo negócio multimilionário e multimídia fechado com a sua própria empresa, Maverick. *Erotica* vai ser o primeiro lançamento da companhia, um conglomerado que não só vai ser um selo fonográfico, como também irá publicar livros e fazer filmes, vídeos e seriados para a TV. Será que esse vai ser o seu caminho para conquistar a década de 90 como conquistou a de 80?

"Eu não pensei nesses termos, foi simplesmente uma extensão de algo que eu tenho pensado em fazer há bastante tempo e estou entusiasmada com isso."

Numa entrevista anterior, ela havia dito que se divertia assanhando o corporativo mundo machista enquanto comia sacos e mais sacos de pipocas, pescando as que caíam no seu sutiã, durante as longas e árduas reuniões. Hoje ela nega ter dito isso.

"Eu não curto esse negócio nem um pouco. É muito entediante."

Você usa conscientemente a sua sexualidade nessas situações?

"Não, uso minha inteligência."

A Maverick significa que você vai passar menos tempo na mira do público daqui para frente?

"Não, significa que não vou deixar de ser atriz, cantora e *performer* – o que for. Tenho muita gente brilhante trabalhando para mim e nada se passa sem que eu saiba. É claro que há pessoas que cuidam dos assuntos rotineiros. Eu não poderia fazer tudo!"

Tenho certeza que Kylie Minogue substituiria você quando o trabalho no escritório apertasse. Você não acha que ela está se alimentando das migalhas da sua carreira?

"Eu não dou a menor bola para isso. Não ouço sua música há muito tempo."

O INÍCIO

O mundo *underground* da dance nova iorquina do começo dos anos 80 foi o cenário que assistiu à decolagem da carreira de Madonna. Ela tem mantido contato constante com este mundo.

"Eu não me isolo. Não me encastelo no alto de um morro. Vivencio as experiências com a mesma intensidade de quando comecei. Tenho amigos muito diferentes, saio bastante, ouço músicas de todo tipo.

Meu interesse tem sempre sido pelo mundo *underground*."

Você veio a Nova York numa era bem marcante – a dança break, os grafiteiros, o rap, estava tudo começando.

"E...haviam muitos talentos, era uma época bem excitante."

Uma comunidade que se modificou, foi esfacelada pela economia, por doenças através dos anos de Reagan, pela Aids e pela aniquilação de uma cidade carente.

"É uma pena, mas eu não acredito que surja mais um cenário como aquele. Mas as coisas mudam e a vida continua... É triste, mas aquilo é passado. Eu tenho sorte, eu tive sorte de ter vivido aquela época e ter feito parte dela. Me deu muita inspiração."

CENSURA

Você já falou sobre a sensação boa que dá ser adorada e venerada. A conseqüência natural é que, se algumas pessoas te amam, outras te odeiam. Existem muitas pessoas – religiosos, moralistas, censores e puritanos – que consideram você a filha do diabo, que te odeiam e te xingam.

"Eu não acho que elas me odeiam, mas que têm medo de mim. Acho que minhas idéias metem medo nelas. Acredito que, se me conhecessem, se sentassem para bater um papo comigo, não me odiariam. As pessoas odeiam o que elas temem – isso é odiar. Tenho certeza que algumas pessoas vão ficar com raiva e querer censurar meu livro e algumas músicas do meu disco. Mas eu já estou acostumada à essa altura do campeonato, já sei lidar com isso."

Você não tem a impressão de ainda estar no colégio quando os críticos masculinos reagem ao seu material dizendo que é depravado ou coisa de prostituta?

"As mulheres também já disseram coisas assim, viu? As pessoas têm medo de mim. Medo do que eu represento, dos sentimentos que eu provoco nelas. É mais fácil para essas pessoas me descartarem como uma ninfomaníaca sem talento, que elas podem guardar num arquivo no cérebro. Então elas podem sentir-se seguras quando andam pelas ruas e ter a ilusão de que não vão mais ser incomodadas por aqueles sentimentos."

PAPA WAS A ROLLING STONE

Mick Jagger, o roqueiro garanhão de meia-idade, já disse que "há uma burrice que é central em tudo o que Madonna faz".

"Acho que já me encontrei com ele. Já nos cumprimentamos uma vez num restaurante."

Estou surpreso. Você apresentou-se a Tony Ward, que seria seu futuro amante, apagando um cigarro nas suas costas. Mick Jagger não merecia, no mínimo, um tapa na cara?

"Se eu fosse bater em todo mundo que fala idiotices a meu respeito, não ia sobrar tempo para mais nada. Mick Jagger não me conhece o suficiente para dizer que eu sou burra. Não me conhece nem um pouco. Então seus comentários não me ofendem."

PAGLIA, FÃS & FANÁTICOS

Camille Paglia, autora pós-feminista do livro *Sexual Personae*, considera Madonna a maior artista da atualidade, sem sombra de dúvida. Madonna personifica a pioneira mulher moderna na linha de frente da batalha de forças pagãs e papéis sexuais que figuram no livro abrangedor de Paglia sobre a história das belas artes, livro grosso, diver-

tido e escandaloso.

A analise que Paglia faz de Madonna é inovadora porque ela valoriza os detalhes que compõem o seu trabalho, ao invés de tratar dos impulsos que levam a ele. Alem disso, ela se descreve como uma "Madonna do circuito intelectual", derrubando preconceitos, incitando controvérsias ao se apresentar em debates com dois "centuriões" negros ao seu lado.

"Sei do livro, já li algumas passagens. Sei que tem uma fixação por mim."

E tem mesmo. Ela tambem acredita que o seu defeito é "ser não-verbal" e que quer ser sua conselheira.

Madonna deixa sua cabeça pender, fingindo severidade.

"Uh-huh. Acho que ela iria preferir ser minha amante."

Isso deve acontecer direto com você.

"É claro."

Como você lida com isso?

"Como qualquer um lida com isso? Eu sei que muita gente se interessa por mim de forma superficial por causa da minha fama. Mas não dou a menor bola no sentido de desenvolver relacionamentos com elas. É o mesmo que as pessoas ficarem em pé lá fora querendo tirar fotos minhas. Isso tudo é obsessão."

Esses fanáticos por Madonna não te metem medo?

"Eles não me metem medo, me chateiam. Isso é, se alguém se aproximasse de mim com uma arma na mão, eu provavelmente teria medo, mas isso nunca aconteceu, graças a Deus."

JACKO & PRINCE

Madonna rompe com os códigos silenciosos das celebridades. Quando estava no meio das negociações para um dueto com Michael Jackson, disse para a revista *The Advocate* – dirigida ao público gay e lésbico – que ela gostaria muito de mudar a imagem dele, fazê-lo dançar com um grupo gay e compor músicas que "fossem até o fim, não só baladinhas imbecis e duetos românticos". Dizem que Jackson ficou apavorado e o projeto foi cancelado.

"É porque eu sou uma pessoa franca. Tenho opiniões formadas. Quando me perguntam, eu respondo. Se não quero responder, aviso, mas não consigo entender por que as pessoas tornam-se celebres para passarem o resto da vida se escondendo. Não tenho vergonha do que faço."

Você não ficou frustrada porque o dueto não deu certo?

"Nem um pouco. Michael Jackson é um cara muito talentoso, mas opera num mundo do qual não me interessa participar, não quero me exilar. Não pretendo me alienar da humanidade."

E Prince?

"Não estou muito a par do que ele esta fazendo agora. Ha cinco anos, talvez, do começinho até *Purple Rain*, que foi uma merda."

A faixa que você fez com ele ("Love Song" em *Like A Prayer*) foi um tanto quanto frustrante.

"Bom, você tem o direito de achar o que quiser. Eu amei aquela música."

POBRE MENINA RICA

Apesar da fama e da fortuna, todas as pessoas que Madonna amou parecem ter sido tiradas dela. Seu pai, sua mãe, sua professora de dança e vários amigos perdidos na epidemia da Aids. Dizem ainda que ela nunca irá realizar o desejo de ter filhos e que está condenada eternamente a relacionamentos destrutivos. Não seria difícil contar a sua historia como uma tragédia tambem.

"Pode ter certeza, tem um mundo de gente que escreve essas biografias não-autorizadas do tipo 'ai, coitadinha!' Eu leio e morro de rir, elas são demais, muito gozadas! Eu faço tudo o que eu quero fazer. Tem muita coisa ruim, tem o lado escuro da fama, mas se eu estivesse sofrendo, eu pararia."

MIL FACES

É só dar uma olhada para tras na última década para ver, no semblante e físico em constante mudança de Madonna, diversas personalidades – Ann Sexton, Marlene Dietrich, Marilyn Monroe, Frida Kahlo – refletidas na sua aparência. Pergunto se esta so copiando os outros e ela devolve na hora a pergunta.

O que voce acha?"

Que sim.

Bom, então com quem eu me pareço?"

Não tenho ideia. Seria a minha interpretação de como alguem se parece.

"Acho que, como a maioria das pessoas, muitas coisas me inspiram. Um adolescente qualquer na rua me inspira. Uma velha foto que Horst tirou me inspira, um velho filme, uma pintura antiga... As pessoas perdem muito tempo analisando esse lado meu. A ideia que tem e que faço altos planos, monto altos esquemas para me transformar em outra pessoa. Mas o tempo que eu dispendo nisso e insignificante se comparado com o que gasto pensando em todo resto.

Para combinar com a polêmica sobre Sex, uma festa tão escandalosa quanto

MUDAR É PRECISO

"Gosto de mudança, acho que variar de dieta e bom, mudar de exercícios e bom trocar o guarda-roupa, mudar a aparencia, cortar o cabelo. Pessoas que usam o mesmo tipo de roupa sempre e estão presas a um molde me enchem de tedio.

Seu visual mudou radicalmente quando voce ressurgiu depois da sua separação.

Porque eu queria me sentir mais forte."

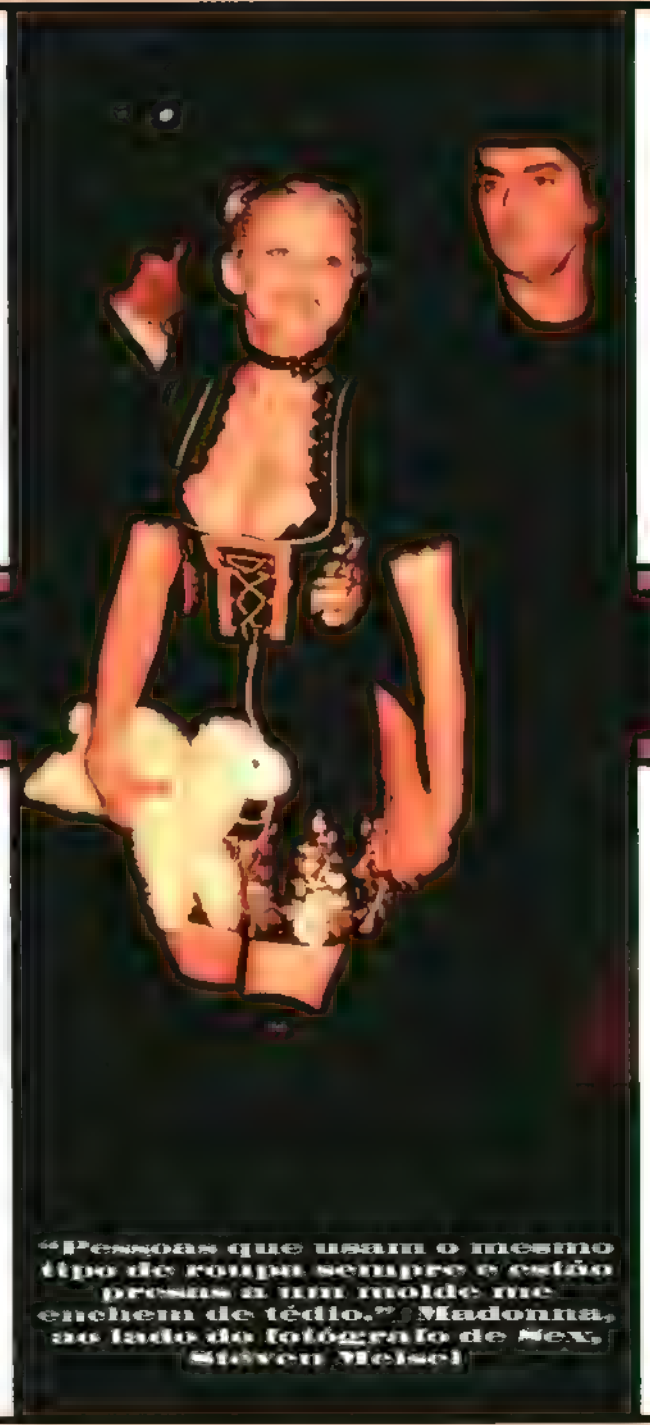
Sua voz tambem mudou.

Eu não forçei, simplesmente aconteceu."

Foi consequencia da mudança do visual?

"Não, veio como consequencia de uma amadurecimento meu de estar mais em contato comigo mesma e cantar do fundo do peito. Teve a ver com o meu crescimento enquanto pessoa, de nao querer mais ser uma menininha.

GAVIN MARTIN



"Pessoas que usam o mesmo tipo de roupa sempre e estão presas a um molde me enchem de tédio." Madonna, ao lado do fotógrafo de Sex, Steven Meisel

SHOPPING BIZZ

DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS

UMA VIAGEM PELO MUNDO DA MÚSICA

Pop, Heavy Metal, Dance Music e todos os estilos de Rock você encontra aqui.
Semanalmente os últimos lançamentos do exterior.
Atendimento personalizado.
Venha nos conhecer!

ATENÇÃO!
APRESENTE ESTE ANUNCIO E GANHE 50% DE DESCONTO NA INSCRIÇÃO

TALK DISC LASER
LOCAÇÃO E VENDA
Av. Pedro Bueno, 1327
Jd. Aeroporto - SP - Tel.: 581-6668

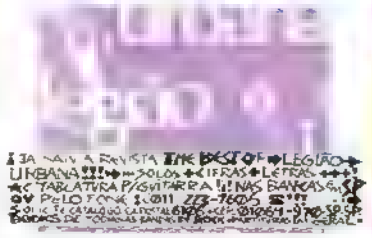
SAXOFONES • CLARINETES • FLAUTAS

SOPROS EM GERAL
ACESSÓRIOS NACIONAIS E IMPORTADOS
ASSISTÊNCIA TECNICA ESPECIALIZADA
DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

ébano

Nova Loja:
Rua Teodoro Sampaio, 874
Tel: (011) 852-8974
Fax: (011) 852-5617

L.A. Sax



PAI DO ROCK

VENDA - TROCA - CONSIGNAÇÃO
NOVOS E USADOS
NACIONAIS E IMPORTADOS
FINANCIAMOS EM ATE 3 VEZES

KORG

SOUNDTRACS

TECNOLOGIA DE 1º MUNDO
COM PREÇOS PARA BRASILEIRO VER.

USUARIOS KORG

DARYL HALL
KEITH EMERSON
KITARO
HYDICHI SAKAMOTO
PETER GABRIEL
PHIL COLLINS

MIXER CONSOLES
CONSOLES PARA PALCO E ESTUDIO.

USUARIOS SOUNDTRACS

ALAN WILDER (DEPECHE MODE)
MARK KNOPFLER (DIRE STRAITS)
RICK ASTLEY
RUPERT HINE (PRODUTOR DO RUSH)
ESTUDIO MOVEL B.R.L.
ESTUDIO M.B.M. (BELO HORIZONTE)
SOUL II SOUL

DISTRIBUIDOR PARA I.P.A. TODO O BRASIL.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

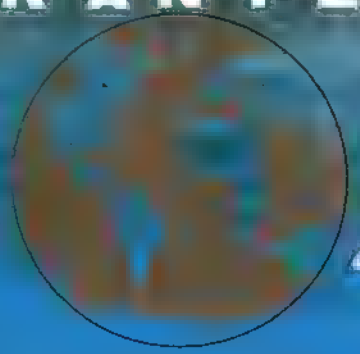
A UNICA LOJA ONDE VOCÊ TEM ASSESSORIA COMPLETA E AINDA SAI COM MANUAL KORG EM PORTUGUÊS

R. TEODORO SAMPAIO 763 LOJAS 9 E 14 CEP 05405 050 FONES: (OTD 64 3436 • 282 5053

RESTOS NADA

DESODORANTE SPRAY

Simplesmente tudo de melhor para seu corpo.



A venda em todas as boas prateleiras do planeta Terra.

DJ SHOPPING

A LOJA OFICIAL DOS DISC-JOCKEYS

E MAIS A CADA COMPRA VOCÊ GANHA UM CUPOM PARA CONCORRER A UM SUPER KIT DJ:
1 TOCA DISCOS TECHNICS • 1 MIXER GEMINI • 1 FONE SONY
• 1 CASE PARA DISCOS • 1 CURSO PARA DJ EM VHS.

MR. MUSIC

INSTRUM. MUSICAIS
E EQUIP. ELETRÔNICOS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ACEITAMOS ENCOMENDAS
DE TODO BRASIL

R. TEODORO SAMPAIO, 2534
LOJA 43 - CEP 05406-200
PINHEIROS - SAO PAULO - SP
FONE/FAX (011) 814-5912

Rua Teodoro Sampaio, 785
(011) 64-3891 - SP/SP

free note

SONGBOOKS MÉTODOS VÍDEO-AULA PARTITURAS
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Quaterna Requiem

LANÇAMENTO EM CD.
QUATERNA RÉQUIEM - VELHA GRAVURA
DUAS FAIXAS EXTRAS

FAUNUS DISCOS
Discos e CDs, Novos e Usados
Todos os Gêneros Musicais
Solicite Catalogos

R. 24 DE MAIO, 188 - SALA 105
TEL.: (011) 222-4921 - FAX: (011) 255-1460
CAIXA POSTAL 9451 - CEP 01065-970
SÃO PAULO - SP

INDIE RECORDS & VIDEOS

CD • CDV • VINIL • VHS • IMPORTADOS (USA-EUROPA-JAPÃO)
ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODO BRASIL
Av. Pedroso de Morais 1053 SP / Tel: (011)816.1220 Fax: 815.9882

Ao vivo

DANIELA MERCURY
Olympia (SP)

Daniela abarrotou até a boca o Olympia por vários dias, com um público que incluía secretárias executivas, moleques com camiseta do Pearl Jam e surfistas boys com pele de couro curtido. Reflexo do trato pop pelo qual Daniela passou no seu segundo disco: embalagem moderna e limpeza estético-musical. A diferença entre o primeiro e segundo disco é sensível: neste o nocivo Liminha usa todas as suas fórmulas do "manual de música bunda-mole". Tudo de cru, imediato e legal que existia em "Swing Da Cor" não existe mais.

O show segue à risca essa nova orientação, todo produção impecável, dançarinos, ótimas luzes, uns modelitos pretos de Daniela, grande banda e uma canja de parar a respiração dos moleques-prodígio do Olodum.

Com seus sucessos, mais covers certeiras como "Toda Menina Baiana" (Gilberto Gil) e "Há Tempos" (Legião Urbana), Daniela fez todo mundo dançar a valer. Ela tem carisma, é bonitinha e se esforça muito no palco. Tudo corre perfeitamente como deve correr. E se alguém, algum dia, implorou por uma Elba Ramalho versão 90 e menos feia, aqui está ela em carne e osso. Vai passar rápido, pode ficar sossegado.

CAMILO ROCHA

MOTÖRHEAD
Olympia (SP)

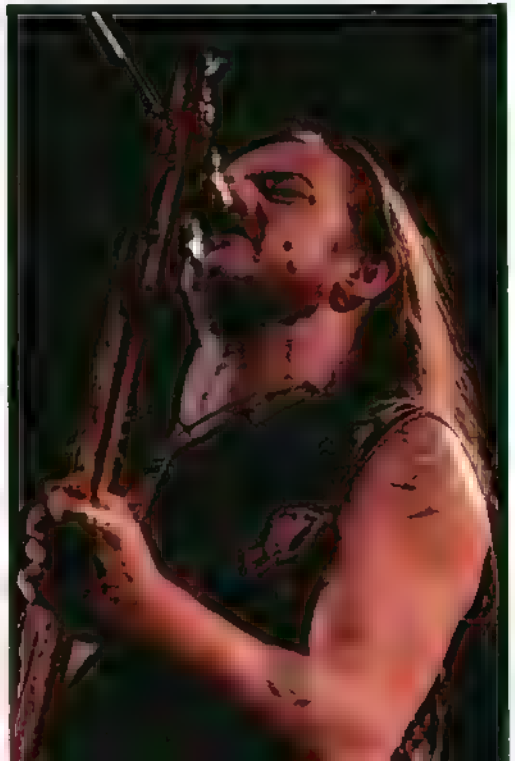
Depois do Não Religião distrair a galera por um tempo maior do que o recomendável — o povo se dividia entre cantar e dançar as músicas dos caras e uivar exigindo o Motörhead o mais rápido possível — e um embaraço pente-ho para troca de equipamento, o Motörhead entra em cena.

Decepção! Problemas no som deixam Lemmy irritado. E aquela mesma embolação canhestra que já tinha rolado no show do Ibirapuera em 90. Microfonias do inferno! E... maldição das maldições: eles só tocam músicas dos dois últimos discos.

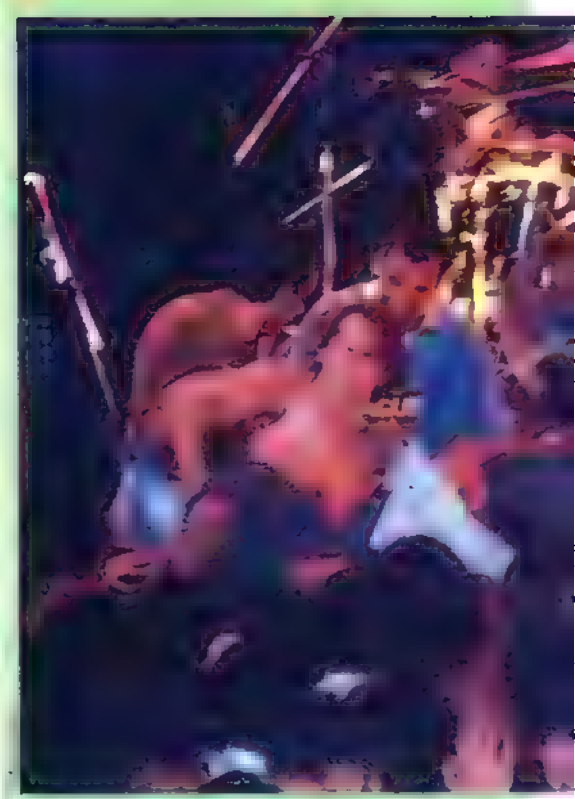
Lamentavelmente o Motörhead aparenta não ser mais o mesmo. Deve ser a idade. Exatamente nos rocks furiosos, especialidade suprema dos caras, eles soam frouxos, quase que apenas "profissionais". Quando eles enveredam por boogies *à la* ZZ Top, como "Bad Religion", ou uns blues invocados, a coisa fica bem mais verossímil. Vem daí essa teoria da velhice afetar o rock. Boogies e blues são mesmo coisa de velhões cervejeiros. Estilos legais, mas que requerem doses mínimas de adrenalina.

No final, um único bis: a desesperadamente aguardada e requisitada "Ace Of Spades". E só. Até mesmo um fanático pelo Motörhead — como eu — fica desconfiando que Lemmy, Wurzel, Wizzo e o novo baterista Mike D (ex-King "aaaargh!" Diamond) vieram para cá apenas para tomar uma grana dos índios otários e empurrar as execuções da babosa "Hellraiser".

CARLOS EDUARDO MIRANDA



LIVE
Aeroanta (SP)



Enfrentando uma temperatura de banho turco numa segunda-feira de Aeroanta lotado, todo mundo esperava uma bandinha do interior dos EUA, sem história e composta por uma molecada que ainda defende o "paz e amor, bicho". Grande (e feliz) engano. A molecadinha de York ao vivo é bem melhor que em disco.

"Take My Anthem" abriu o show e mostrou por que isso ocorre: Edward Kowalczyk se transforma no palco, ganhando carisma de político em comício animado. E a banda acompanha, deixando tudo mais feroz. Quando seguiram com "Pain Lies On The Riverside", a mais esperada, o público cantou junto, o *mosh* começou (apesar da pentelhação dos seguranças) e a festa só terminou depois do bis. Claro que houve partes cômicas, como Edward incorporando Tracy Chapman em "Mirror Song" ou quando ele levantou os braços anunciando seu *stage diving*. Enquanto a banda detonava uma versão mais pesada de "Tired Of Me", Ed deu um pulo medroso e voltou quase sem as calças.

Por incrível que pareça, o Live e seu discurso se parecem muito mais com Pearl Jam do que com bandas *jangle pop* no rastro do R.E.M.

JOSÉ JULIO DO ESPÍRITO SANTO

MORRISSEY

Pacific Amphitheatre Costa Mesa (Califórnia)

Elas estão loucas. Elas estão maluquinhas. Elas estão ensandecidas, tensas e elétricas por antecipação. Elas vão ver seu ídolo de perto.

Por uma das ironias mais fantásticas do mundo contemporâneo, o fato de ele ser um homossexual celibatário — que prefere livros e compactos antigos à companhia humana — parece não estragar a fantasia destas adolescentes. Quando as luzes se apagam, o anfiteatro lotado já está de pé para receber o pop star mais improvável de toda a constelação, o homem que escreveu o último capítulo do livro aberto por Elvis, condenando seus sucessores a vagar pelo picadeiro como caricaturas dos "anos rebeldes".

Aqui e ali dá para detectar a presença de figuras mais velhas e do sexo masculino. Velhos fãs dos bons tempos em que os Smiths pareciam ter salvo o rock'n'roll das garras da indústria e que, como eu, provavelmente jamais teriam apostado numa mega-carreira solo de seu vocalista, assim batendo recordes de público no Madison Square Garden, pisando o palco de arenas falsificando de isqueirinhos acesos e muita, mas muita mesmo, histeria feminina. Principalmente depois da expectativa criada (e frustrada) com os primeiros discos e shows — logo que saiu *Viva Hate* e a anunciada parceria com Vini Reilly revelou ser apenas uma participação especial, enquanto o insosso Stephen Street tentava segurar o manche de co-piloto.

E essa volta por cima parecia mais impossível ainda pela eterna, temosa, idiossincrática e radical resistência de Morrissey à seguir as regras do jogo. Nosso querido bardo parecia não só sem banda nem repertório para cumprir a missão *nunca*, nestes cinco anos sem os Smiths ele cantou sequer uma música do grupo em seus shows), como temia-se que — após ter esgotado sua persona literária antes mesmo do último álbum da banda - Morrissey não tivesse absolutamente mais nada a dizer.

Bom... lá estávamos nós, literalmente no escuro, esperando nosso homem. O show de abertura em si já era um desafio a ser superado. Durante pouco mais de meia hora, a banda Gallon Drunk — anunciada como "a favorita" de Morrissey hoje em dia — mandou brasa num psychobilly *a la* Cramps, com lembranças do Pink Floyd de Syd Barrett, em improvisos esporrentos de órgão e guitarra. Um nome ("bebado de galão") para se prestar muita atenção. Depois, todo mundo havia se divertido mais uma meia hora ouvindo, através do P.A., uma fitinha sensacional que deve ser um apanhado de pérolas da discoteca do próprio Morrissey: uma vinheta de sanfona frenética, quase idêntica a uma quadrilha de festa junina, costurando rockabilly esquisitíssimo, baladas românticas respingando melodrama e os *girl groups* mais obscuros da história.

Assim que Morrissey e banda pisam o palco, começam a detonar o repertório completo de *Your Arsenal*, num banquete de rockabilly sujo e pesado, digno de Memphis, Tennessee. O cenário é apenas um pano branco no qual são projetadas, durante todo o show, apenas três fotos: um par de garotas *suedehead*, um operário com uma criança no colo e uma belíssima garota loura cheia de angústia e melancolia jorrando pelos olhos. Mas o foco é sempre Morrissey. Ao vivo sua postura desajeitada transforma-se em carisma quase sufocante para quem está na platéia... e a platéia está na palma de sua mão. Ele brinca com ela, consegue se safar sozinho quando mais de dez pessoas invadem o palco e os seguranças perdem o controle, e parece ser quem realmente está mais se divertindo em todo o anfiteatro.

"November Spawned A Monster", um dos momentos mais poderosos de sua carreira solo, cala as meninhas gritalhonas em uma interpretação de esgualepar o sangue. E até o final, culminando em micro-fonia incessante de duas guitarras e um baixo, sob luzes brancas tão fortes que cegam temporariamente o auditório, nenhum hit. Nada de "Everyday Is Like A Sunday" — apenas "Suede-head" no bis. Nenhum hit, nenhum videoclip, nenhuma presença na mídia de massa. E a massa em delírio, feliz da vida. Não só pela epifania que acabou de presenciar: há a alegria de ver alguém muito próximo, muito íntimo, vencendo pelas suas próprias regras. Confesso que senti muita pena de Bono Vox, Axl Rose, Madonna, Michael Jackson e companhia limitada. E senti mais pena ainda de Johnny Marr em sua idiota peregrinação roqueira a credibilidade *hip*, cuja peripécia mais patética foi o "supergrupo" Electronic. Mas esse surto de piedade e comiseração passou rapidinho, sem estragar a felicidade e alegria que jorrava de nossos olhos.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

DISCOS

DISPONÍVEL EM: CASSETE | COMPACT DISC

AVALIAÇÃO: INDISPENSÁVEL | BOA PEDIDA | VALE CONHECER | NÃO FAZ FALTA | MANTENHA DISTÂNCIA

ENGENHEIROS DO HAWAII
Gessinger, Licks & Maltz
(RCA/BMG-Ariola)

Todo ano é a mesma coisa, todo ano os Engenheiros lançam um disco igual ao anterior. Já foram elogiados com a simpatia dedicada às novidades. E continuaram a fazer a mesma coisa. Já foram malhados, muitas vezes com o típico pouco caso dedicado a quem se deu bem. E continuaram a fazer a mesma coisa.

A frase "eu até que gosto dos Engenheiros. Do Hawaii" se tornou perfeita para chocar e chamar a atenção em festas "in" do meio musical brasileiro. Enquanto isso, a banda continuava a fazer seus discos em que até as capas são iguais. Fui almoçar, voltei dormi, acordei e eles lá, fazendo a mesma coisa. Persistência, coerência ou preguiça? No final eles acabam despertando simpatia pela sua indiferença às modas. Uma grande qualidade, em um mundo como o do rock brasileiro, onde a maioria das bandas muda de estilo toda a semana, na tentativa de seguir as tendências de Manchester ou Seattle.

Foi desse jeito que os Engenheiros se transformaram em um caso único de banda que provoca polêmica a cada disco por fazerem sempre a mesma coisa. Outras bandas são criticadas por seus discos serem piores, ou até mesmo diferentes dos anteriores. Os Engenheiros chocam pela constância.

A estética da "imobilidade" dos Engenheiros é radical. Nas letras de Humberto Gessinger não existe movimento. Retratam naturezas mortas. Mundos, como a "infinita highway", onde nada acontece. "Uma noite interminável/ numa cela escura", diz "A Conquista Do Espaço". "O que me encanta é que tanta gente sinta (se é que sente) ou minta (desesperadamente) da mesma forma/ todos iguais, todos iguais, mas uns mais iguais que os outros" ("Ninguém=Ninguém").

Os Engenheiros procuram "clichês inéditos/ *déjà vu* nunca visto" ("Canibal Vegetariano Devora Planta Carnívora"). As rimas são óbvias, os trocadilhos "se faltar o vento, a gente inventa", "uma chama que nos chama") são infames, mas tudo parece calculado. As músicas, com suas melodias monótonas e solos de guitarra ainda mais monotonos, seguem rigorosamente esta estética do tédio. Um manjado *decoder* aparece em três das faixas. Um clichê surpreendente.

O tédio tem sido tema frequente na história do rock. O Who tratou o assunto de maneira furiosa, os Kinks falaram com cinismo, Roger Waters falou dele com desespero e o Public Image o retratou de maneira violenta. Mas os Engenheiros tomaram tranquilamente o tédio como eixo de sua carreira. E o que fazem são quase elegias ao tema.

O lugar perfeito para se ouvir esse disco e os outros da banda é em um entediante conjunto habitacional de uma cidade de interior onde só pega um canal de televisão e o calor é tão grande que deixa as pessoas lentas, sem vontade de fazer nada. *ROGÉRIO DE CAMPOS*

R.E.M.
Automatic For The People
(Warner)

Existe num pequeno condado no sul dos EUA um restaurante com uma grande placa retangular ao lado da entrada onde lê-se: "Automatic For The People". Significa mais ou menos "serviço imediato para os clientes". Quatro desses clientes, semforasteiros da cidade vizinha, Athens, transformaram o simpático mote publicitário em título de um dos discos mais mumistas e sombriamente belos já feitos.

Automatic For The People é também o álbum menos comercial do R.E.M.. Nenhuma de suas doze faixas gruda automaticamente no ouvido. É preciso ouvir e ouvir e, quando menos se espera, está-se diante de uma possível obra-prima. Como por exemplo "Drive", o primeiro single e videoclip, em que o rock n'roll surge como um personagem indeciso num ponto qualquer de uma estrada sem fim. Ou "Nightswimming", onde Michael Stipe canta um instante de felicidade perdido, com o realismo e a pungência de um velho retrato.

O disco sucede as dez milhões de cópias vendidas de *Out of Time*, entrou direto em segundo lugar na *Billboard* e encabeçou a parada inglesa. Mas, quanto ao rock, esse, ficou de fora. Quase não se percebe a bateria no disco (uma boa exceção está em "Monty Got A Raw Deal"). Berry, Buck, Mills e Stipe preferiram centrar foco no registro estranho de um violoncelo, como na belíssima "Sweetness Follows", de um piano, órgão, mandolim, de ocasionais e elegantes distorções de guitarra e da voz - enfim, crua - desvelando as letras.

Gravado na própria Athens,em New Orleans, Miami e Nova York, mixado na decantada Seattle e produzido pela própria banda e por Scott Litt, *Automatic For The People* é quase uma depuração mais despojada de *Out of Time* (já em si depurado). Em alguns momentos pode soar um tanto grandioso — especialmente quando irrompe a orquestra de cordas arranjada pelo ex-Led Zeppelin John Paul Jones - e até mesmo piegas, mas a sua forte autenticidade afasta qualquer impressão ruim. E, ainda que denso e tendo a morte e a nostalgia como elementos fundamentais em sua atmosfera, *Automatic For The People* é um disco leve. Como as vezes é leve a respiração. *DANIEL BENEVIDES*

ROXETTE
Tourism
(EMI-Odeon)

Per e Marie se tornaram pai e mãe das maiores babas que assolaram as rádios nos dois últimos anos. Para comemorar o aniversário das crias, lançaram este álbum com versões ao vivo, material inédito e regravações em locais esquisitos. "Never Is A Long Time" surgiu numa noite em que transformaram o 150 Night Club, em São Paulo, num estúdio. "Here Comes The Weekend" e "So Far Away" são registros de uma jam em um quarto de hotel em Buenos Aires (usando uma mala como bateria). "How Do You Do!" é o mais novo filhote da dupla sueca, deixando maior a família do pop viscoso. *J.J.E.S*

TOM WAITS
Bone Machine
(Island/PolyGram)

Tom Waits, pessimo ator, é um músico esforçado. Em seu novo álbum, no qual às vezes reedita Bruce Springsteen (as vozes e a pungência pouco diferem), experimenta coros, clarinetes, cordas, sanfonas, guitarros, percussão "indígena" e até conta com uma canja de Keith Richards (em "That Feel"). Com *Bone Machine*, disco produzido cinco anos depois de *Frank's Wild Years*, Waits mistura formatos variados (baladas, gospel, country) para repetir o que já dissera antes: o rock'n'roll não basta e as canções devem ser antes dramatizadas do que interpretadas com afinação. *R.P*

EXTREME
III Sides To Every Story
(A&M/ PolyGram)

Certo, o Extreme começou seguindo a linha funk metal, estourou com uma balada e de repente resolveu provar que era um grupo sério, tentando tocar com aquela vontade de mostrar o quão competente é o seu trabalho em canções que seguem um tema como uma espécie de ópera-rock insinuada.

Quando isso acontece a culpa geralmente é de algum integrante da tipo "multinstrumentista depois esclarecido" que despera numa batedeira, seu "talento" sobre o ouvinte. O culpado, no caso do Extreme, se chama Nuno Bettencourt. Desta vez, eles atacam com um álbum duplo, que é dividido em três partes: "Yours", "Mine" e "The Truth".

O disco até começa bem, com algumas canções passáveis. Quer dizer, se você gosta de coisas como "Rest In Peace" (a música de trabalho). A medida que avança, porém, a chance começa a predominar. A tal terceira parte é uma espécie de trilogia batizada de "Everything Under The Sun". Se no caminho de casa por um descuido seu disco dois cair da capa, aceite o conselho: nem volte para procurar. Não bastasse, Nuno sofre de hippismo crônico e ataca com letras contra o "sistema" ou sobre crises espirituais, do tipo "por favor, diga-me que Deus não morreu". OK, vamos dar um ponto: eles tocam bem e fazem bons arranjos vocais. A favor do disco deve-se dizer que não traz nenhuma baladinha chorosa no estilo "More Than Words"; uma prova (atenção, Nuno!) de que Deus não morreu. *J.S.*

ENYA
The Celts
(Atlantic/Warner)

Editado pela BBC em 87, este disco marcou a estréia solo de Eithne Brennan - alias Enya -, depois de integrar o Clannad entre 80 e 82. Trata-se de uma trilha sonora composta para a série televisiva *The Celts*, que, aos moldes dos gravações posteriores da irlandesinha, justapõs elementos do folclore goélico —vide as faixas "Deireadh An Tuoth", "St Patrick Cu Chullainn Orsin" e "Bard Dance"— a um instrumental simultaneamente solene e feérico. *A.G.C.D*

CONCRETE BLONDE
Walking In London
(I.R.S./EMI-Odeon)

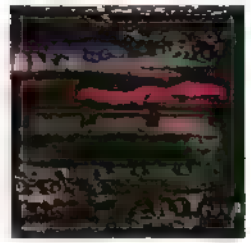
Velhos hippies nunca morrem. E parecem ter desenvolvido uma forma genética de transferir sua herança cultural. Johnette Napolitano, a vocalista/baixista que lidera o Concrete Blonde é a prova disso. O novo disco do grupo, no entanto, traz música honesta e bons arranjos, mas nada que não se encontre com mais eficiência nos 10,000 Maniacs ou mesmo na boa e velha Patti Smith. A versão para "It's A Man's, Man's, Man's World" (James Brown) é bacaninha. *J.J.*

DEFALLA
Kingzobullshit
(Cogumelo)

Com o DeFalla é assim: eles fecham os olhos e atiram para todos os lados. Geralmente acertam em alguma coisa. Seu novo disco é o entrocamento entre rock *raggamuffin'*, rap e variantes. Edu K continua o desbocado de sempre e os arranjos seguem o estilo três-em-um (uma mesma faixa tem heavy hard rock e melô, por exemplo). A produção não é "nenhuma Brastemp", mas o disco vale pela irreverência. Em tempos que 90% das bandas brasileiras acreditam que Seattle é o paraíso, nada melhor que um grupo veterano chutando o barraco. Confira faixas como a "quase" versão de "(I Can't Get No) Satisfaction", o *dancehall* quaiquer nota "Bitch" e a malaca "Caminhia (Q Aqui É De Osasco)". *J.S.*

ELVIS PRESLEY
Elvis (NBC TV-Special)
(RCA/BMG-Ariola)

Depois da caixa *The King Of Rock'N'Roll* (ainda inédita por aqui), outra relíquia de Elvis Presley. Trata-se de um disco que reúne alguns dos registros feitos para um especial da rede de televisão NBC. As gravações consumiram três dias no final de junho de 68 e foram dirigidos por Steve Binder - que produzia o *T.A.M.I. Show*, com a nata da soul music americana. O programa foi exibido em 3 de dezembro, com recorde de audiência. Felizmente a idéia original do empresario Tom Parker não vingou, senão teríamos Elvis cantando um punhado de canções natalinas. Em seu lugar, foi feita uma mescla de números com grupo de apoio, cordas e metais para hits como "Trouble", "Guitar Man" "Memories" e "If I Can Dream" (composta especialmente para o show), junto a uma sessão acústica informal com velhos chapas como Scotty Moore, Charles Hodge (nas violões) e D.J. Fontana (na bateria). Nesses últimos registros (presentes em dois medleys no disco) é que estavam os tesouros reais. Em clima de total descontração e intimidade com o público, Elvis arrasava em clássicos como "Lawdy Miss Clawdy", "Baby, What You Want Me To Do", "Heartbreak Hotel" e "One Night", relançando seu rock'n'roll puro para a geração dos Beatles e dos Stones e quebrando um jejum de sete anos sem se apresentar ao vivo. No mínimo, um documento histórico (também representado nos videos *One Night With You* e *'68 Comeback Special*, lançados nos EUA e na Inglaterra em 92, pelo BMG). *C.P*



CADILLAC 55, A MOSCA E OUTROS
Coletânea
(Niterói)

Olha só que bacana! Uma prefeitura bancando discos da rapaziada. É o que ocorre em Niterói, onde o pessoal deste selo independente parecem saber das coisas. Essa Coletânea mistura o rockabilly do Cadillac 55 com o samba soul de Fred Carva, o reggae "copacabânico" de Alexandre Ferreira com os inventionices d'A Mosca, a melô rasloqueira de Pinoud e o bolado sebenta - mas simpática - de Renato Uchôa. Voieu o tentativo e que venham mais discos assim! *C.E.M.*

MADONNA
Erotica
(Maverick/Warner)

Isso vai doer mais em mim do que em você: o novo disco de Madonna é chato, chato. Chato demais!!"

Esclarecido isso, vamos à análise. Desde sua estréia (83), Madonna não fazia um disco tão enraizado na dance e no som dos clubes nova-iorquinos. Este foi gravado em Nova York (enquanto desde *Like A Virgin* ela vinha gravando suas obras-primas pop em Los Angeles) e conta na produção com um DJ, Shep Pettibone (o primeiro tinha os DJs Jellybean e Mark Summers), responsável por "Vogue" e remixador oficial de Madonna. Todo o *know how* que Shep punha nos seus remixes —baixos abissais e esparsamento dos ingredientes da música, convertendo canções pop em altos *grooves* de pista — está nestas faixas desde sua concepção. Só que agora não existem as canções, os refrões e os ganchos para Shep encaixar suas batidas.

O grande problema deste disco é que não há pop. Madonna sem pop é o mesmo que assistir um filme francês "cabeça" com Schwarzenegger.

Seu primeiro disco era dance, mas tinha pop escrito em toda parte. *Erotica* não honra a tradição começada com "Everybody" e "Borderline". As faixas dance são monótonas e ocas a melhorzinha é "Fever", cover de Peggy Lee) e as baladas são insossas como as pieres de Mariah Carey.

Além disso, o disco é todo sério e pesado. AIDS, crack, violência e mesmice tiraram muito do glamour e da alegria da neste nova-iorquina nos últimos anos. Madonna quer retratar essa transformação em seu disco. Uma intenção muito nobre, embora os resultados sejam no mínimo estranhos. Esta tentativa de clima depré e introspectivo acabou em puro tedio.

Mais cedo ou mais tarde os anos 90 iam ter que chegar para todo mundo. Delírios de mega-popstars, ainda mais esses com cara de anos 80, estão fora. Assim como a luxeira *egotrip*-babaca-concertualoide que é o último Prince, o disco de Madonna vai decepcionar fãs, tocar o mínimo possível em rádio e cair no esquecimento rapido. Continuando nesse passo até as profecias mais otimistas ("Essa mulher reina e reinará por muito tempo", quem foi o tonto mesmo?) vão para o saco antes de 95.

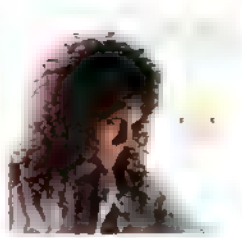
CAMILO ROCHA

ARC ANGELS
(Geffen/BMG-Ariola)

Os Arc Angels bem que poderiam se tornar a grande banda de rock do Texas. Tem uma das melhores linhas de baixo e bateria do blues rock (a experiente cozinha do Double Trouble, que acompanhava Stevie Ray Vaughan), tem o guitarrista Doyle Bramhall II, ex-garoto prodígio dos Fabulous Thunderbirds e um gaita de 23 anos: o guitarrista e vocalista Charlie Sexton que, com seu visual Matt Dillon, arrisca roubar muitas fãs do Bon Jovi. Competência de bluesmen veteranos em rocks que poderiam tranquilamente entrar em trilha sonora de propaganda de cigarros.

Ainda que o Double Trouble forme a ala dos velhões do Arc Angels (o baixista Tommy Shannon, por exemplo, acompanhava Johnny Winter nos anos 60/70), também não falta experiência aos outros integrantes da banda. Bramhall II foi criado em meio a músicos, seu pai tocava bateria com Jimmie, (irmão mais velho de Stevie Ray) Vaughan, e aprendeu guitarra com o próprio. Quer mais?

Charlie Sexton começou sua carreira aos onze anos, aos quinze abria shows do Clash e aos dezessete lançou um single que chegou ao *Top 20* da *Billboard*. Ele é que aparece no filme *Thelma And Louise*, cantando rocks em um bar de beira de estrada. Esta parece ser a ambição dos Arc Angels: disputar com os Fabulous Thunderbirds, George Thorogood e outros o título mundial de melhor banda de bar de estrada. *R.C.*



BRIAN MAY
Back To The Light
(Parlophone/EMI-Odeon)

Álbum solo do ilustre guitarrista do Queen. No encarte, May explica que é um trabalho despretensioso, uma compilação de várias composições suas nos últimos anos. Conta com convidados ilustres como o baterista Cozy Powell. O resultado final lembra os primeiros álbuns do Queen com seus floreios e timbres folk, além das harmonias vocais típicas nas faixas mais pesadas como "I'm Scared". Para ouvir como foi gravado, sem pretensões e com bom humor. *N.N.*

MASTER
(Nuclear Blast/Rock Brigade)

Este power trio de Chicago formado por Paul Speckmann (baixo/vocal), Chris Muttelbrun (guitarras) e Bill Schmidt (bateria) detona a maior sonzeira. Nem o clássico "Children Of The Grave", do Black Sabbath, escapa de um banho de sujeira — os tradicionalistas devem chiar alto. Os fãs de podreira anal vão sorrir de orelha a orelha, mas para quem acompanhou os tortuosos passos do metal no último década, fica a sensação de deja vu, já que o Venom fazia a mesma coisa muito antes. *J.R.L.*

KILLING CHAINSAW
PIN UPS
Gash - A Mellow Project By Pin Ups
(Zoyd)

Se aceitamos o argumento de que o escapismo é a essência do rock – *baby, we were to run*, né? –, então os Pin Ups e o Killing Chainsaw estão no caminho certo.

As duas bandas fazem tanta questão de deixar bem para trás seja lá o que for do que elas estão fugindo, que na hora em que olharem nos espelhos, verão a imagem ideal a que aspiram, nunca a de si mesmas.

Como vistas através desse perverso reflexo, enxergarão uma contrafação subnutrida do Sonic Youth (K.C.) e mais um entre os múltiplos filhotes bastardos do Velvet Underground (P.U.). Enxergarão uma banda americana de quarto escalão que se apoderou da raspa do tacho do SY ou uma bobagem inglesa pseudo-doidona que acha que enterrar os vocais na mixagem é demonstração de modernidade. Quando, na realidade, os objetivos originais dessa distorcida aberração se chamam Zé, transitam pela marginal do Tietê, comem baurus na padaria da esquina, querem competir no mercado com Daniela Mercury e saem na BIZZ.

O que haverá por debaixo dessa fantasia, senão a vaidade infantil e/ou vergonha de si mesmo? E a quem ela serve, senão ao próprio bandido, àquele que quer que acreditemos no baixo valor intrínseco de qualquer tentativa de se fazer música com parentesco rock no Brasil? Ou seria tudo brincadeira mesmo, uma aposta entre amigos para ver quem imita melhor o ídolo favorito?

E que mania é essa de se escrever e cantar letras em inglês, quando nem pronunciar a sílaba "to" esse pessoal consegue? ("today" sai "tchudei", para não tocarmos em crimes de pronunciação errada mais calamitosos). Um disco inteiro em inglês? Deus? Com que público vocês acham que estão falando?

Último toque: se vocês querem disputar mercado lá fora - e esse pode ser o plano -, tudo bem, olha lá o Sepultura. Mas lembrem que suas inspirações se destacaram porque eram diferentes das demais bandas. Há a esperança de que, sob a casca da cópia, exista substância (ao menos, bom gosto vocês têm). Como estão, as duas bandas são os ...(preencha como bem entender) dos pobres. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

EMF
Stigma
(EMI-Odeon)

Tentando não se limitar a um público restrito - que na época de *Schubert Dip* era composto por garotas ansiosas por algo mais que boladinhas hiperglicêmicos -, o EMF injetou mais riffs de guitarra em seu som. Mesmo assim, não mudou muita coisa. *Stigma* segue num passo ainda mais desesperador que o primeiro álbum e James Atkin continua com o mesmo sussurro gritado. Isso deixa as faixas aparentemente parecidas, mas são nos detalhes, principalmente nos teclados que eles vencem a parada. Desde "They're Here", que abre o disco com uma voz sampleada, até a menstruativa "She Bleeds" eles conseguem deturpar timbres instrumentais como poucos. E ainda continuar pop. *J.J.E.S.*

INFORMATION SOCIETY
Peace and Love, Inc.
(Tommy Boy/ Warner)

Até o momento, não houve cristão que conseguisse entender o porquê do Information Society fazer tanto sucesso no Brasil. Agora eles voltam a atacar com este *Peace And Love, Inc.*, um disco onde o tecno domina de ponta a ponta. Para levar a cabo a tarefa convidaram Joey Beltram, mestre do gênero, que dá uma força na faixa "Made To Broken". A faixa-título traz citação do grupo dance 808 State, enquanto "Where Would I Be Without IBM" tem o sample de uma piatéia brasileira (só podia). É o de sempre: vocalizinhos tediosos sobre batidinhas insidiosas. Tente outra coisa. *J.S.*

GENESIS
Turn It On Again
(Best Of '81-'83)
(Vertigo/PolyGram)

Phil Collins nunca foi bobo. Quando Peter Gabriel abandonou o grupo, ele tomou conta e decretou novas ordens. O pop vendável com "ar inteligente" virou marca registrada. E o que mostram as faixas dessa coletânea temporalmente restrita. O Genesis de Collins é o favorito de Bateman (o yuppie estraçalhador de mendigos de *American Psycho*. Não por acaso. Bret Easton Ellis põe as coisas no lugar certo, seu assassino gosta de artistas pop perfeitos tecnicamente, mas descartáveis como todas as griffes usadas por seus personagens. E o caso Genesis/Collins. *J.J.*

PRINCE AND THE NEW POWER GENERATION
(Symbol)
(Warner)

Há seis anos, desde que inventou "Kiss", Prince desfila nos computadores da imprensa como alegada propriedade dos ateus. Existem aqueles autorizados a fornecer, sobre o moço nem tão moço, as informações menos precisas. Diz-se que Prince é uma virtuose em catorze (?) instrumentos, ou então que é a reencarnação de Jimi Hendrix ou James Brown. A mais recente afirmação e respeito dele foi que em seu novo disco - no caso este, batizado com um símbolo - ele "descobriu" o rap e a ópera-rock. Por partes: Prince é tão virtuose em catorze instrumentos quanto Lou Reed é cantor; Hendrix e Mr. Brown não pediram para ver seus nomes citados em vão e ópera-rock ou rap são coisas que Prince fez antes mesmo, talvez, que a imprensa tivesse a oportunidade de descobri-las.

O novo álbum de Prince é parte de um feliz contrato com a Warner de cem milhões de dólares. O primeiro produto dessa fábrica de dinheiro é um bom disco, ainda que parodico (ou em razão disso). Nele, o músico diverte-se imitando, ou citando estilisticamente, do grupo Queen a Frank Zappa. Aliás, parece ser o autor de *Joe's Garage* a melhor inspiração do –hum – "deus". Todo o seu disco aparece permeado de maneirismos – predominantemente do rock e do jazz—que assombraram o cenário pop dos anos 70.

Musicalmente, Prince continua sabendo segurar-se, embora o tema de seu álbum duplo — um astro que foge de uma repórter — denote uma fenomenal falta do que dizer. A rigor, esse não é um problema. Importa que, ao menos, o músico esteja gastando a fortuna que ganhou no contrato com a Warner para experimentar melodias e timbres. "A moda do que ditava Irving Thalberg, produtor cinematográfico dos anos 30, sobre as condições de produção: "bons filmes", ele dizia, "são feitos com muito dinheiro e tempo gastos". Sendo assim, dá para se dizer que este novo álbum de Prince vale por muitos pontos, mas por um em especial: a canção "Sexy M. F." (com M. F significando *motherfucker*), segunda faixa do disco, onde ele aparece com um arranjo brilhante para uma idéia tão simples.

ROSANE PAVAN

TOAD THE WET SPROCKET
Fear
(Columbia/Sony)

Boas intenções e belas melodias vendem discos e agradam a todos. Esse parece ser o lema dessa banda americana, que parece ser mais um Crowded House, cheio de psicodelia soft e coração repleto de amor fraternal pelos semelhantes. Ou então um novo Reo Speedwagon: mestres em criar melodias que embalem as lordes rosadas das meninas virgens. Mas apesar do ranço hippie, este disco tem algumas coisas bem feitinhas, como "Walk On The Ocean" e "Butterflies". *V.J.*

WITCHHAMMER
Blood On The Rocks
(Cogumelo)

O novo disco do Witchhammer é uma porrada só. Está certo que lembra demais Metallica em alguns momentos, mas isso é perdoado com folga pelos acertos das faixas mais poderosas. A criativa "Call X", as ultra-monstruosas "Looking For War" e "Path To The Cemetery", mais os bons vocais de "Switched On Telly", atestam que as transformações no som do grupo só vieram para melhor. Se continuarem nessa direção, uma merecida carreira internacional deve dar as caras para essa rapaziada. *C.E.M.*

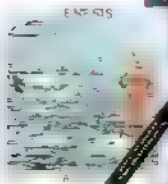
OKOTÔ
Monstro
(Eldorado)

Não, não é engano: este realmente é um disco do Okotô. André Fonseca e Cherry Takitani trocaram a passagem para Taquio por outra para os confins dos EUA. Os tradicionais instrumentos japoneses koto e shamisen -, pontas-de-lança no disco anterior, foram para o espaço. A ordem agora é barulho, muito barulho. Pode parecer oportunismo, mas são poucos aqueles que conseguem fazer uma mudança tão radical sem se tornarem ridículos. Só fica a pergunta: por que não mudaram antes? *J.S.*

Para você, Leonardo, Rafael, Donatello e Michelangelo são só tartarugas mutantes que adoram pizza?

dia 3 de janeiro, você e o Estadão vão estar juntos na maratona do vestibular. É o Cola Especial de simulado feito pelos professores do Objetivo. E mais: durante os vestibulares, o Estadão estará divulgando o

COLA ESPECIAL DE VESTIBULAR. TODAS AS QUINTAS E DOMINGOS, NO ESTADAO.



DE GABRIEL A COLLINS

Chegam ao Brasil em versão digital, álbuns importantes de um dos patriarcas do progressivo inglês

Se você tem saudades do tempo em que Phil Collins era um rapaz magro e cabeludo, que se preocupava mais em esmerilhar em sua bateria, então, meu amigo, a tecnologia resolveu seu problema. A EMI-Odeon está relançando por aqui, em CD, alguns dos álbuns do **GENESIS**, remasterizados para o formato digital. E três dos primeiros cinco discos que chegam às lojas mostram justamente o grupo com sua "formação clássica": Peter Gabriel (vocais), Steve Hackett (guitarra), Tony Banks (teclados), Mike Rutherford (baixo) e o então discreto Collins.

Nursery Cryme, de 71, o terceiro álbum do grupo, marca a estréia dessa formação. E um item fundamental para quem quiser entender o que foi o rock progressivo. "Musical Box" e "Seven Stones" são faixas que demonstram os vocais dramáticos de Gabriel e o bom desempenho instrumental do grupo. **Foxtrot** (72) é praticamente uma seqüência do disco anterior, trazendo como destaque a "suíte" de 22 minutos que fechava as apresentações do grupo – "Supper's Ready". Foi na turnê de promoção desse disco que Gabriel começou a usar fantasias para ilustrar as letras das músicas. Mais importante ainda é o CD duplo do álbum **The Lamb Lies Down On Broadway** (74), o último com a participação de Gabriel (*ver quadro*).

"Supper's..." reaparece na voz de Collins em **Seconds Out**, duplo ao vivo de 77 onde o Genesis pós-Gabriel se mostra certinho demais.

Fechando este pacote, temos um outro Genesis em **Invisible Touch** (86), que mostra Collins, Banks e Rutherford, com mais rugas, menos cabelos, muito mais público do que antes e um pop que imita a eles mesmos. Vai quem quer.

MARCOS SMIRKOFF

GENESIS ESSENCIAL

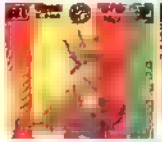
The Lamb Lies Down on Broadway

À maneira do especial Clássicos Do Rock Em CD (já nas bancas), aí vai um pequeno trecho da Discoteca Básica do grupo, publicada originalmente na BIZZ 67 (fevereiro/90). Todos os outros discos da seção, disponíveis em versão digital, receberam o mesmo tratamento no guia.

"Esta 'trilha sonora' das letras alegóricas de Peter Gabriel – que se colocava em posição diametralmente oposta à música absoluta praticada pelo King Crimson, fase 72/74 – chegou a seu ápice em The Lamb Lies Down On Broadway ...Gabriel concentrou uma massa de referências literárias dentro de uma trip de autoconhecimento. Seu personagem – Rael – é um porto-riquenho líder de gangue juvenil em Nova York. Ele é capturado por um objeto voador e perde-se em um esquisito mundo de alegorias da sociedade de consumo. Durante a viagem, Rael se embaralha em encontros com Marshall McLuhan ('Broadway Melody Of 1974') ou figuras saídas das visões de William Blake (as 'wise and foolish virgins' de 'Carpet Crawl'). Por trás das máscaras, simulações e citações que o próprio Gabriel só entenderia nos mais de cem shows que fizeram para divulgar o álbum. M.S.

DISCO DO MÊS **BODY COUNT** (Warner)

Mesmo sem "Cop Killer", as outras afrontas de Ice T garantiram-lhe a cabeça da lista com o álbum de estréia do seu grupo. O segundo lugar ficou com outra estréia, a da gravadora Tinitus, com uma coletânea de novas bandas nacionais, sacudindo o marasmo reinante no setor. Em seguida, Baby Animals, Temple Of The Dog e Suicidal Tendencies ficaram quase empatados. Mas a maior decepção ficou com Daniela Mercury e Roger Waters, respectivamente chegando em nono e penúltimo lugar.



	BODY COUNT	YO-HO-DELIC VIRNA LISI E OUTROS	BABY ANIMALS	TEMPLE OF THE DOG	SUICIDAL TENDENCIES The Art Of Rebellion	SINEAD O'CONNOR Am I Not Your Girl?
ANDRÉ FORASTIERI	8	6	4	4	6	4
ARTHUR G. COUTO DUARTE	-	7	8	9	6	7
CAMILO ROCHA	7	3	2	6	1	-
CARLOS EDUARDO MIRANDA	10	6	6	0	6	3
CELSO FIORAVANTE	8	7	9	8	6	8
EVA JOORY	8	6	-	7	4	3
FÁBIO MASSARI	8	6	7	7	7	4
JEAN-YVES DE NEUFVILLE	5	6	6	5	6	4
JIM JOE	8	7	7	8	9	6
JOSÉ JÚLIO DO ESPÍRITO SANTO	6	6	5	7	7	10
ROBERTO MAIA	8	7	7	7	8	8
ZECA CAMARGO	9	8	7	5	7	5

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MÉDIA
1 BODY COUNT (Warner)	7,72
2 YO-HO-DELIC, VIRNA LISI E OUTROS I (Tinitus)	6,41
3 BABY ANIMALS (Imago/BMG-Ariola)	6,?8
4 TEMPLE OF THE DOG (A&M/PolyGram)	6,08
5 SUICIDAL TENDENCIES *The Art Of Rebellion* (Epic/Sony)	6,00
6 SINEAD O'CONNOR *Am I Not Your Girl?* (Chrysalis/EMI-Odeon)	5,63
7 FERNANDA ABREU *SLA² Be Sample* (EMI-Odeon)	5,4'
8 SHAKESPEAR'S SISTER *Hormonally Yours* (London/PolyGram)	4,83
9 DANIELA MERCURY *O Canto Da Cidade* (Columbia/Sony)	4,66
10 OLIVIA NEWTON-JOHN *Back To Basics* (Mercury/PolyGram)	4,58
11 ROGER WATERS *Amused To Death* (Columbia/Sony)	4,00
12 LULU SANTOS *Mondo Cane* (Philips/PolyGram)	3,75

Há dinossauros que voltam para o bem. Surgido como um "estranho no ninho" na emergência do punk novaiorquino em meados dos anos 70, o **TELEVISION** tornou-se lendário pelos embates das guitarras de Tom Verlaine e de Richard Lloyd, onde longos solos e progressões inusitadas se alternavam entre o lirismo e o ataque extremado. Completando a química, originalidade e simplicidade se aliam na cozinha indissociável de Fred Smith (baixo) e Billy Ficca (bateria).

Assim formado, o quarteto gravou apenas dois álbuns - a obra-prima *Marquee Moon* (77) e o respeitável *Adventure* (78) - antes de separar-se com ambos os guitarristas partindo para carreiras mais (Verlaine) ou menos (Lloyd) bem sucedidas, enquanto Smith e Ficca tocavam com vários grupos e artistas (no caso do baixista, mesmo com o próprio Verlaine).

Catorze anos depois, eles reunem-se de novo num álbum homônimo, lançado pela Capitol. O disco no geral se iguala ao melhor da produção individual de Verlaine (que assina todas as canções, a co-produção executiva e a grande maioria dos solos), mas em alguns casos a transcende. Faixas como "1880 Or So", "Call Mr.Lee" (ambas com ótimos solos de Lloyd), a etérea "Rhyme" e a dissonante "The Rocket" trazem um absurdo cuidado com os timbres e a interação entre as guitarras, mostrando que o retorno do grupo não foi em vão. Mas o fecho de ouro do disco é "Mars", onde Verlaine rasga o vocal mais esquizoide de sua carreira. *CELSO PUCCI*

Influenciadas pelas Slits, passando por Aerosmith e até mesmo pelo Kiss, as **BABES IN TOYLAND** estão ao lado do L7 no primeiro escalão das bandas femininas que fazem som pesado. O seu terceiro álbum (sem contar a compilação das *Peel Sessions*, lançada pouco antes) se chama **Fontanelle** (Reprise) e foi produzido por Lee Ranaldo (Sonic Youth) ao lado da guitarrista/vocalista Kat Bjelland. O disco também marca a entrada da baixista Maureen Herman no lugar de Michelle Leon. Entre as porradas deste trabalho, destacam-se a violenta "Handsome Gretel", "Bruise Violet" e uma outra versão da canção "Quite Room", do álbum anterior, *To Mother*, que ganhou uma nova produção que a tornou mais suja (e bem menos acústica). *LEANDRO FORTINO*

O **BEAT HAPPENING**, talvez a banda mais *cult* surgida no estado americano de Washington, chega ao seu sexto álbum, **You Turn Me On** (K/Sub Pop) e perde a inocência. Ao menos em parte. Em comparação aos álbuns anteriores as músicas estão mais elaboradas, chegando a parecer canções acabadas, e não os geniais rascunhos tocados com deliberada lassidão e primitivismo que fizeram a "fama" do trio. Na formação, permanecem os mesmos Bret, Heather e Calvin — respectivamente guitarra, bateria e *basso profondo* - e continuam soando como um Velvet ainda mais minimal e sem o John Cale. Só que dessa vez foram um passo além. Pena. *DANIEL BENEVIDES*

Os "lábios flamejantes" de Oklahoma estão de volta. Na véspera de completar uma década de estrada, o grupo **FLAMING LIPS** lança mais uma pérola do seu *bubblegum*. Só que nessa fórmula não faltam substâncias deliciosamente diversas. Em **Hit To Death In The Future Head** (Warner), o quarteto faz uma colagem não linear de viagens que deixam o pobre ouvinte sem saber se o que acabou de receber nos tímpanos foi uma experiência prazerosa ou uma *bad trip*. A dúvida persiste em "Frogs", uma chuva de sapos dedicada à pretensão da maioria das bandas alternativas. *FÁBIO MASSARI*

Surprise Your Pig - A Tribute To R.E.M., pelo título, mais parece achincalhação do que homenagem. Ao ouvir, então, quase se tem certeza de que os dezessete grupos reunidos não levam essa coisa de tributo muito a sério. Uma turma de desconhecidos gravando por um selo idem (Staple Gun) músicas de um dos grupos mais famosos do momento. As versões ficam entre o chocante e o hilário. Mais ou tão estranho quanto as interpretações são os nomes dos grupos. Alguns exemplos: **WHEN PEOPLE WERE SHORTER AND LIVED NEAR THE WATER**, **FLOR DE MAL** e **SAMSON & THE PHILISTINES**. Destaque para a cover de "It's The End of The World As We Know It (And I Feel Fine)" com **VIC CHESTNUTT** e a versão punk de "Losing My Religion" feita pela **TESCO VEE'S HATE POLICE**. *JEFERSON DE SOUZA*

Alternando-se nos vocais, guitarra e baixo, Fredric Schreck é quem responde pelo projeto novaiorquino **THE ANCIENTS**. Em seu homônimo disco de estreia, lançado pelo selo Mission, ele uniu-se a caras como Knox Chandler e Joe McGinty (Psychedelic Furs), Paul Ferguson (ex-Killing Joke e atual Murder Inc.) e John Valentine Carruthers (ex-Siouxsie And The Banshees e atual Crush), conseguindo dar novas perspectivas ao combalido *positive punk*. Com uma voz abaritonada nos moldes de Ian Curtis, Schreck ousou transformar "Rain" (sim, aquela dos Beatles) num bizarro lamento para as pistas de dança. Tão intrigante quanto é "The Promise", sustentada por dissonâncias que chegam a ir além da herança deixada pela Gang Of Four original. *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

Convenções
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

1	(14)	*Achtung Baby*	U2	PolyGram
2	(N)	*Automatic For The People*	R.E.M.	Warner
3	(5)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
4	(1)	*Angel Dust*	Faith No More	PolyGram
5	(N)	*The Southern Harmony...*	Black Crowes	PolyGram
6	(2)	*Blood Sugar Sex Magik*	Red Hot Chili Peppers	Warner
7	(6)	*Fear Of The Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon
8	(9)	*Wish*	Cure	PolyGram
9	(16)	*Temple Of The Dog*		PolyGram
10	(12)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
11	(N)	*III Sides To Every Story*	Extreme	PolyGram
12	(N)	*(Symbol)*	Prince & The New Power Generation	Warner
13	(R)	*Use Your Illusion II*	Guns N' Roses	BMG-Ariola
14	(N)	*Tourism*	Roxette	EMI-Odeon
15	(3)	*V*	Legião Urbana	EMI-Odeon
16	(13)	*Bricks Are Heavy*	L7	PolyGram
17	(8)	*Os Grãos*	Paralamas Do Sucesso	EMI-Odeon
18	(N)	*The Art Of Rebellion*	Suicidal Tendencies	Sony
19	(4)	*Metallica*		Warner
20	(19)	*Dirty*	Sonic Youth	BMG-Ariola

1	(6)	*Automatic For The People*	R.E.M.	Warner
2	(N)	*Erotica*	Madonna	Warner
3	(9)	*(Symbol)*	Prince & The New Power Generation	Warner
4	(4)	*The Southern Harmony...*	Black Crowes	PolyGram
5	(1)	*Ten*	Pearl Jam	Sony
6	(8)	*Temple Of The Dog*		PolyGram
7	(7)	*Unplugged*	Eric Clapton	Warner
8	(3)	*Bricks Are Heavy*	L7	PolyGram
9	(N)	*III Sides To Every Story*	Extreme	PolyGram
10	(N)	*Us*	Peter Gabriel	EMI-Odeon
11	(N)	*Mondo Bizarro*	Ramones	EMI-Odeon
12	(2)	*Facelift*	Alice In Chains	Sony
13	(R)	*Badmotorfinger*	Soundgarden	Sony
14	(10)	*Dirty*	Sonic Youth	BMG-Ariola
15	(N)	*Turns Into Stone*	Stone Roses	BMG-Ariola
16	(13)	*Tourism*	Roxette	EMI-Odeon
17	(R)	*Metallica*		Warner
18	(20)	*Fear Of The Dark*	Iron Maiden	EMI-Odeon
19	(12)	*The Art Of Rebellion*	Suicidal Tendencies	Sony
20	(N)	*3 Years, 5 Months And...*	Arrested Development	EMI-Odeon

1	*The Chase*	Garth Brooks	Liberty
2	*Erotica*	Madonna	Maverick/Sire
3	*Automatic For The People*	R.E.M.	Warner Bros
4	*Unplugged*	Eric Clapton	Warner Bros
5	*Some Gave All*	Billy Ray Cyrus	Mercury
6	*(Symbol)*	Prince & The New Power Generation	Paisley Park
7	*Timeless (The Classics)*	Michael Bolton	Columbia
8	*Ten*	Pearl Jam	Epic
9	*Us*	Peter Gabriel	Geffen
10	*Dirt*	Alice In Chains	Columbia

1	*Glittering Prize 81/92*	Simple Minds	Virgin
2	*Erotica*	Madonna	Maverick/Sire
3	*(Symbol)*	Prince & The New Power Generation	Paisley Park
4	*Automatic For The People*	R.E.M.	Warner Bros
5	*Gold Greatest Hits*	Abba	Polydor
6	*Timeless (The Classics)*	Michael Bolton	Columbia
7	*Once In A Lifetime/Sand In The Vaseline*	Talking Heads	EMI
8	*Tubular Bells II*	Mike Oldfield	WEA
9	*Back To Front*	Lionel Richie	Motown
10	*The Best Of Belinda Volume 1*	Belinda Carlisle	Virgin

1	*End Of The Road*	Boyz II Men	Motown
2	*Sometimes Love Just Ain't Enough*	Patty Smyth	MCA
3	*I'd Die Without You*	P.M. Dawn	Arista
4	*How Do You Talk To An Angel*	The Heights	Capitol
5	*Erotica*	Madonna	Maverick/Sire
6	*Jump Around*	House Of Pain	Tommy Boy
7	*She's Playing Hard To Get*	Hi-Five	Jive
8	*Free Your Mind*	En Vogue	Atlantic
9	*Rhythm Is A Dancer*	Snap	Arista
10	*People Everyday*	Arrested Development	Chrysalis

1	*Sleeping Satellite*	Tasmin Archer	EMI
2	*End Of The Road*	Boyz II Men	Motown
3	*Ebeneezer Goode*	The Shamen	One Little Indian
4	*I'm Gonna Get You*	Bizarre Inc. - Angie Brown	Vinyl Solution
5	*It's My Life*	Dr Alban	Arista
6	*Love Song/Alive And Kicking*	Simple Minds	Virgin
7	*My Name Is Prince*	Prince & The New Power Generation	Paisley Park
8	*Tetris*	Doctor Spin	Carpet
9	*Erotica*	Madonna	Maverick
10	*A Million Love Songs (EP)*	Take That	RCA

1	*Copper Blue*	Sugar	Rykodisc
2	*Dirty*	Sonic Youth	DGC
3	*Your Arsenal*	Morrissey	EMI
4	*Mondo Bizarro*	Ramones	EMI
5	*The Death Of Cool*	Kitchens Of Distinction	One Little Indian

1	*Copper Blue*	Sugar	Creation
2	*Revenge Of The Goldfish*	Inspiral Carpets	Mute
3	*... Yes Please*	Happy Mondays	Factory
4	*Play More Music*	Consolidated	Network Europe
5	*Fontanelle*	Babes In Toyland	Southern

Leitor: sua participação é importante! Escreva para a *BIZZ* - *Parada Dos Leitores* - Av. Nações Unidas, 5 777 - CEP 05478 - São Paulo - SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consultá-lo se necessário.

Fontes: *Cash Box* e *Billboard* (EUA) de 23/10 a 10/11. *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Music Week* (GB) de 14/10 a 14/11. Para a *Parada Dos Leitores* foram consideradas as cartas recebidas até 14.11.92

Lojas consultadas: Cogumelo Discos (Belo Horizonte MG), Pop Som (Porto Alegre RS), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio De Janeiro RJ), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba PR), Ruídos Alma, Bossa Nova, Musical Box, Woo Bop e Mesbla (São Paulo SP) em 10.11.92

DRIVE

(Bill Berry/Peter Buck/Mike Mills/Michael Stipe)

R.E.M.

	DIRUA
Smack, crack, bush-whacked	Heroína, crack, no tocaia
Tie another one to your act, baby hey, kids, rock 'n' roll nobody tells you where to go, baby	Amarre uma outra pessoa à sua atuação, baby ei, crianças, dancem o rock 'n' roll ninguém diz a você onde ir, baby
What if I rock? What if you roll? what if you rock around the clock? tick tock, tick tock	E se eu balançar? E se você rolar? e se você balançar em volta do relógio? tique-toque, tique-toque
What if you did? What if you are? what if you try to get on, baby?	E se você fizesse? E se você for? e se você tentar progredir, baby?
Hey, kids, where are you? nobody tells you what to do, baby	Ei, crianças, onde vocês estão? ninguém diz a você o que fazer, baby
Hey, kid, shake a leg, maybe you're crazy in the head baby, uh-huh, maybe you did, maybe you are maybe you rocked around the clock tick tock, tick tock	Ei, criança, corra, talvez você esteja louca da cabeça baby, uh-huh, talvez você tenha feito, talvez você seja talvez você tenha balançado em volta do relógio tique-toque, tique-toque
Maybe I ride, maybe you walk maybe I tried to get on, baby	Talvez eu ande motorizado, talvez você caminhe talvez eu tenha tentado progredir, baby
Smack, crack, shack a lack	Heroína, crack, viva uma ausência
Tie another one to your back, baby hey, kids, rock 'n' roll nobody tells you where to go, baby	Amarre uma outra pessoa às suas costas, baby ei, crianças, dancem o rock 'n' roll ninguém diz a você aonde ir, baby
Maybe you did, maybe you are maybe you rock around the clock tick tock, tick tock	Talvez você tenha feito, talvez você seja talvez você balance em volta do relógio tique-toque, tique-toque
Maybe I ride, maybe I walk maybe I tried to get on, maybe	Talvez eu ande motorizado, talvez eu caminhe talvez eu tente progredir, talvez
Hey, kids, where are you? nobody tells you what to do, baby hey, kids, rock 'n' roll nobody tells you where to go, baby, baby, baby	Ei, crianças, onde vocês estão? ninguém diz a você o que fazer, baby ei, crianças, dancem o rock 'n' roll ninguém diz a você aonde ir, baby, baby, baby

(Todos os direitos reservados)

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Salles Pupo
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor de Arte: Richard Kovács
Chefe de Arte: Maria Amélia Azevedo
Coordenador de Produção: Marcelo do Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Mora, Ivan Nobertino, Renato Yada (sênior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto: Alexandre Rosa, Ana Maria Bahiana, Andre Barcinski, Arthur Guerra, Duarte Carlos, Marcelo Cláudio Lima, Claudio Campos, Daniel Bernardes, Fabio Massari, Hagamenon Brito, Jefferson de Souza, Jimi Joe, João Ricardo Lima, José Julio do Espírito Santo, Leandro D. Fortino, Luis Cláudio S. Garrido, Luiz Henrique Romagnoli, Marisa Adan Gil, Mauro Beting, Otavio Rodrigues, Ricardo Lobo, Rene Fern. **Fotografia:** Angelo Pastorello, J. Santana, Rui Mendes. **Tradução:** Rosvaldo Mascarelli (Bon Jovi e Chistina Dichfield (Madonna 2ª parte). **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Nunes

PUBLICIDADE
Diretor: Rogério Rohner
Gerentes: Alair Machado, Miguel Castello
Supervisores: Julio Jorge Rangel, Oscar de Oliveira (SP); Lidia Camarate, Thais Franco (RJ)
Contatos: Afonso Alzamora, Antonio Pessanha, Roberto Veroesi, Tania Mattana (agências); Ana Maria Lobo, Claudia Freitas, Marcelo Catalá, Maria Teresa Barreira, Marilia Hindi, Nadia Lappas, Patricia Juliaz (diretos)
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, José Soares

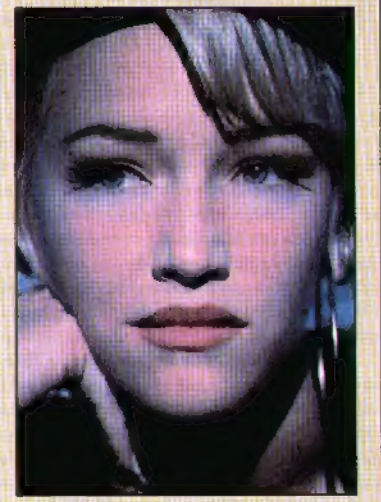
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amelio
Gerente de Promoções: Sandra Galli Parisoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossere Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelo

BIZZ 89 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - grupos 1534/36, CEP 20020-80, Centro, tel. (021) 532-0313, telex (021) 36800, fax (021) 532-1468, CP 4816. Telegramas: Editabril Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. Quinta Pau Varias, Abrunheja dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor do selo multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome e automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: **dezembro/92. Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou na distribuidora de publicações Abril de sua cidade. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222.
Fotolito: Fotoarte Ltda. Prestcript Artes Gráficas, Bureau Azul e Intex Tecnologia & Comunicação.
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

ANER IVC

OS SEUS ÍDOLOS FALANDO A SUA LÍNGUA.



LETRAS TRADUZIDAS
BIZZ

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 211-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534-35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-80 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1468 - CP 4816
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Paraná: M.I.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: Bg Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

CARTAS

RECADO ULTRA-IMPORTANTE QUE AFETARÁ SUA VIDA DE MODO IRREVERSÍVEL

Nos últimos meses o número de cartas para a seção *Parada* tem diminuído. Isso é grave e põe em risco a representatividade e a qualidade da nossa *Parada do Leitor*. Então resolvemos tomar uma atitude drástica: qualquer carta que chegar na redação sem o nome de pelo menos um disco comprado nos últimos dois meses (mesmo que você não tenha comprado nenhum, simplesmente escreva "não comprei nenhum disco") irá imediatamente para a gaveta. Pode ter certeza que as cartas com informações para paradas serão lidas com muito mais carinho do que aquelas que não querem nos contar nada. NÃO CUSTA NADA! Escreveu qualquer coisa para BIZZ, ponha os últimos um, dois ou trinta discos que você comprou. Colaborem e leremos suas caras com o maior prazer.

A Redação

PISAMOS! PISAMOS!

Há muito tempo, BIZZ disputa consigo mesma uma bizarra maratona. Cada número específico (o de agosto, digamos) consegue ser simultaneamente melhor do que seu antecessor e pior do que o seguinte. Vou me fixar em alguns pontos escolhidos ao acaso na edição de outubro para explicitar como BIZZ rateia.

A) Na insípida matéria sobre rock e política, Ana Maria Bahiana diz que a desconstrução praticada por Hendrix no hino americano foi aperfeiçoada ao longo de vários concertos "(inclusive um na ultramilitante universidade de Berkeley)" antes de ser apresentada com toda a sua fúria no festival de Woodstock. Bonito, mas falso. O concerto de Berkeley aconteceu quase seis meses após Woodstock. Tal informação pode ser obtida na bio de Hendrix escrita por Jerry Hopkins. Além disso, no vídeo *Hendrix Plays Berkeley* várias pessoas protestam recusando-se a pagar ingresso "para um filme que 'nós' fizemos (Woodstock)". A história é um contínuo, mas não anda para trás.

B) Um pouco antes, a vetusta jornalista informa que "Entre baladas militantes como 'Ohio' do Crosby, Stills and Nash..." "Ohio" balada? E só de Crosby, Stills e Nash? Um dos rocks mais faiscantes do grupo, composto por Neil Young em uma noite (após a morte de quatro estudantes na Universidade de Kent State) e gravado em três *takes* no dia seguinte (o compacto saiu em uma semana), "Ohio" nunca foi nem nunca será uma balada. Nem mesmo se comparada aos absurdos sônicos de um Ministry. Em qualquer caso recomenda-se a audição da música. Que aliás foi a primeira "de protesto" a citar nominalmente Nixon e imputar-lhe um crime. Isto é o que ocorre com BIZZ. Informações distorcidas por uma "expert em *sixties*" passam batidas como verdade porque "a história é um continua....."

C) Já o crítico R.C. (Rogério de Campos? Algum parentesco com "blocos de concreto sem alça"?) tenta uma investida contra Deus. Louvável. Desde que o dito cujo pelo menos saiba ler fichas técnicas de discos."... e Ry Cooder "que humildemente permanece discreto para não roubar o show do anfitrião". Não há engano possível. Confundir Ry Cooder com Ray Cooper é como confundir Renato Russo com Jamelão. É analfabetismo musical mesmo, (pois o erro faz parte até da "ironia" de sua crítica). Acho que os escribas desta revista têm todo o direito de desancar o Eric Clapton, mas com um mínimo de competência. Ry Cooder foi tão discreto que nem apareceu perto do estúdio da MTV. Quá, quá, quá... mas dói. Aliás, se alguém fosse usar a BIZZ como fonte de informação sobre os concertos de EC no Brasil em 90 acharia que eles não ocorreram. Sincronicidade?

D) Bem, quanto à sincronicidade pouco há a dizer, ou muito. Capa de março de 86 "*Absolute Beginners* - o filme da década " (??????) *Where on Earth*? Em que cinema? Capa de julho de 86 "Te cuida Madonna-Patsy vem aí" — Aí aonde? Em *Máquina Mortífera 2*, casando com Jim Kerr ou com um pivô de ouro? Alagoas perde (o tempo é o senhor da razão). Jeca pop visionário é o que há de pior. BIZZ como um todo, muitas vezes ofende seus leitores por considerá-los débeis mentais e analfabetos. Suportar em sua equipe um oligofrênico com seu único neurônio travado de lipídios e outras gordurebas quetais como o Carlos Eduardo Miranda é ofender a quem tem pelo menos dois.

Há muito tempo que eu desconfio que BIZZ seguirá o trajeto da revista *Pop* (veja como ela começou e a forma como encerrou seus dias) , trocando texto por fotos e acabando como uma *Contigo* pop. E merece. Mas nós não merecemos.

E, *last but not least*, acho que você (sr. Redator Chefe) como crítico deve ser arrogante. A verdadeira crítica pressupõe arrogância e apropriação indébita do que a rigor é de "outro" (o texto, o disco, o filme, etc.). Mas requer competência. Por isso, e apesar de existir uma proverbial bibliofobia em BIZZ, sugiro que você leia o livro *Anatomia Da Crítica* de Northup Frye. É fundamental.

P.S. A rigor, cada exemplar de BIZZ apresenta dezenas de deslizes deste tipo. Vocês até transformam o Axl Rose em um cara à frente de seu tempo. Senão vejamos. "No Natal passado (de 91), fui para casa tentando achar alguém com drogas no caminho, porque eu queria uma overdose" é o que se lê em destaque na pág. 35. Lá no corpo da entrevista se lê: "... já se passaram dois Natais desde então e o Natal passado foi o melhor que eu tive em 29 anos." Assim sendo vocês acabam de decretar que o cara já está vivendo pelo menos em 94. Acho regalia demais para um *asshole* de seu porte. Sincronicidade, aqui me tens de regresso....

Larry Antonio Wizniewsky
Santa Rosa, RS

Larry, na entrevista de Axl, a pergunta para a resposta que você cita é "Você lembra quando se mudou para o estúdio...". O entrevistador se refere às gravações dos Use Your Illusion. Os discos saíram no segundo semestre de 91, então ele estava no estúdio durante o Natal de 90. E quando se passa a história que Axl conta na resposta: "Um amigo me trouxe alguns presentes de Natal. Outro veio sem se anunciar e ficou comigo no dia do Natal". Algumas linhas à frente ele cita esses amigos dizendo: "...essas pessoas não sabiam nada sobre o Natal passado (isto é, o anterior, de 89!!!), quando eu estava dirigindo para casa... porque eu queria uma overdose." Entendeu? Esse foi o Natal de 89! Portanto, ele está perfeitamente inserido no nosso tempo quando diz "já se passaram dois Natais desde então...". Quer conferir? 90, 91, pronto, dois Natais. Conclusão: enrolado é o Axl Rose no seu jeito de falar.

Rogério de Campos responde: *Você está certo, sr. Wizniewsky. Escrevi a resenha de Unplugged sem ter o disco original, apenas com uma fita gravada, sem ficha técnica (é cada vez menos freqüente as gravadoras nos mandarem os discos). Assim, nem mesmo confusão de Ry Cooder com Ray Cooper existiu. Eu tinha a informação errada, de que Ry Cooder participava do disco, não chequei e o resultado foi essa gafe. Quanto aos irmãos Campos, são parentes distantes, portanto mais respeito com a família.*

Ana Maria Bahiana responde: *De fato, o show em Berkeley ocorreu em maio de 70, nove meses depois do festival de Woodstock. Mas estabelecer que Berkeley havia acontecido antes de Woodstock não era o ponto em questão no parágrafo que você menciona. Woodstock foi usado ali como a culminação de um processo que vinha se desenvolvendo desde a Inglaterra. Hendrix, por exemplo, enxertou trechos do Hino Americano numa jam iniciada com "Room Full Of Mirrors", durante um show no Royal Albert Hall em fevereiro de 69) e não como o ponto final dele.*

Quanto a "Ohio" ser ou não uma balada, nem o Aurélio concordaria com um de nós que fosse a hora de se estabelecer uma definição confidente. Portanto, vamos parar por aqui mesmo.

André Forastieri, finalmente, responde: *Escreve bem o diabo do moleque. Agradeço pelas erratas e pelos elogios – afinal, você mesmo diz que cada edição da BIZZ é melhor que a anterior e pior que a seguinte, o que quer dizer que melhoramos a cada edição, certo! E só de voltar a 86 para encontrar edições criticáveis, é mais elogio ainda. Para acabar: arrogância é bom e eu gosto, mas Northrop Frye?? Perto dessa sou um mero aprendiz de mascarado. Me rendo ao talento, o Larry.*

GUNS N'ROSES

"Axl abre o jogo..." Qual é BIZZ? Sou fã incondicional do GN'R e tenho certeza que os outros milhões de fãs do conjunto já estão loucas de saber a "vidinha sofrida de Axl". Tudo que ele disse nessa entrevista, sobre drogas e psicoterapia, já sabemos.

Fabiane Laube
Belo Horizonte, MG

Se esses tais de Guns N'Roses são adorados por uma gigantesca parte dos leitores, podem ter certeza que são detestados por outra gigantesca parte. Porra meu, capa pela quarta vez em dois anos, é palhaçada! Quando é que vocês vão parar de chupar o pau deste cuzão? O Ministry merecia muito mais que uma capa.

Marcio Kanno
São Paulo, SP

Estou indignada com um determinado comportamento das FMs, particularmente as que se autointitulam como "rádios-rock". Até entendo que as FMs mais comerciais (e aqui não estou esquecendo que *todas* as FMs são comerciais. Elas não funcionam por diletantismo) repitam as mesmas músicas o dia inteiro. Há gosto para tudo, afinal. Mas o que me deixa muito puta é notar que as únicas rádios ditas "alternativas" em São Paulo — ou seja, 89 e 97 — estão no mesmo esquema das FMs convencionais, com DJs cujo repertório não vai além do "alô gatinha" e onde a programação se resume às músicas de trabalho (uma, no máximo, duas músicas). E sempre as mesmas! Do Pearl Jam, só "Jeremy". Quando muito, "Even Flow" ou "Alive". Do Nirvana, só "Lithium" e "Smells Like Teen Spirit". Todas são excelentes canções, *mas não são as únicas!* Quando é que as tais rádios-rock vão acordar e perceber que nós somos um público bem diferente dos "ouvintes das outras rádios"?

Margarete de Moraes
Santo André, SP

Boa, garota! 100% correta. Rádios "alternativas" e seus babacas que levantam bandeiras em nome do "rock de verdade" geralmente operam como qualquer FM, só que usam jaqueta surrada e camiseta do Ramones. "Smells Like Teen Spirit" é o "Rhythm Is A Dancer" das rádios rock: é ótimo, mas ninguém agüenta mais.

ORDEM E PROGRESSO

Quero um jornalismo decente e honesto! Quero informações de qualidade, transmitidas por críticos que mostrem coerência e imparcialidade! Quero um jornalismo ágil e dinâmico, como nós, jovens. QUERO ROCK PROGRESSIVO NESTA REVISTA!!!

Sandro Ghedini
São Paulo, SP

Então pare de ler a Rock Brigade *e comece a comprar BIZZ. Você tem razão, é difícil imaginar coisa mais "ágil", "dinâmica" e para "jovens" do que rock progressivo.*

FÃ É FÃ

A edição de outubro teve apenas um erro. Não publicaram nada sobre a maior banda de rock/pop do mundo: os Engenheiros Do Hawaii. Espero que esse erro não aconteça nunca mais.

José Carlos
Brasília, DF

INDIGNAÇÃO

Tenho dezessete anos e adoro ler, principalmente revistas de rock. Gosto da BIZZ inteira mas, às vezes, acho que vocês exageram nas críticas. Parece que não gostam das bandas que fazem sucesso, chamam de baba, *poseur*, enfim, há gosto para tudo.

Sandra Maria Pinto
S. João de Meriti, RJ

ERRATAS

— No anúncio da promoção Madonna *Sex*, entre os discos oferecidos como prêmio está *You Can Dance*. O certo é *The Immaculate Collection*.

— BIZZ 86: o R.E.M. não saiu na capa de julho de 90 e sim na de 91. Quem saiu em julho de 90 foi Madonna. Agradecimentos ao leitor Ricardo Marcelo Dias, de São Paulo (SP).

— Algumas cotações de Camilo Rocha para discos na BIZZ 88 saíram erradas. As cotações para os discos de Morrissey e Smiths são, respectivamente, "boa pedida" e "indispensável". A cotação para *Back To Basics*, Olivia Newton-John, é "interessante".

Studio Tan
Compact Disc
LOCAÇÃO
Mais de 6000 títulos em CD de todos os gêneros musicais.
Mais de 300 títulos em Vídeo Laser.
VENDA
Trabalhamos com todos os mercados.
Lançamentos simultâneos.
Aceitamos encomendas.
Vendas para todo o Brasil via SEDEX.
Ouça nossos programas na BRASIL 2000
107,3 FM - SP - aos sábados as 14:00 h.
e nas segundas as 23:00h.
DISTRIBUIÇÃO
Representante exclusivo
SUB POP na América do Sul.
Vendas por atacado (preços a consultar).
Encomendas para todo o Brasil.
QUALQUER CD A 18 US$ NO BALCÃO
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220
Jardim Paulista - São Paulo - CEP: 01403
Fone: (011) 887-9082
Distribuidora FAX: (011) 884-9524)

GENE VINCENT AND THE BLUE CAPS
GENE VINCENT AND THE BLUE CAPS (1957)

Os fãs do rock'n'roll de todas as idades, costumam se referir a Gene Vincent com hiperbólica admiração. Gene é apaixonante e sua identificação com o rock'n'roll é tão forte, que parece que se o rock não existisse, ele o teria inventado. Isso não impediu que sua carreira fosse traumática, trágica e errática, nem que virasse um farrapo, morrendo aos 36 anos de idade em 71, alcoólatra, desesperado e quase esquecido.

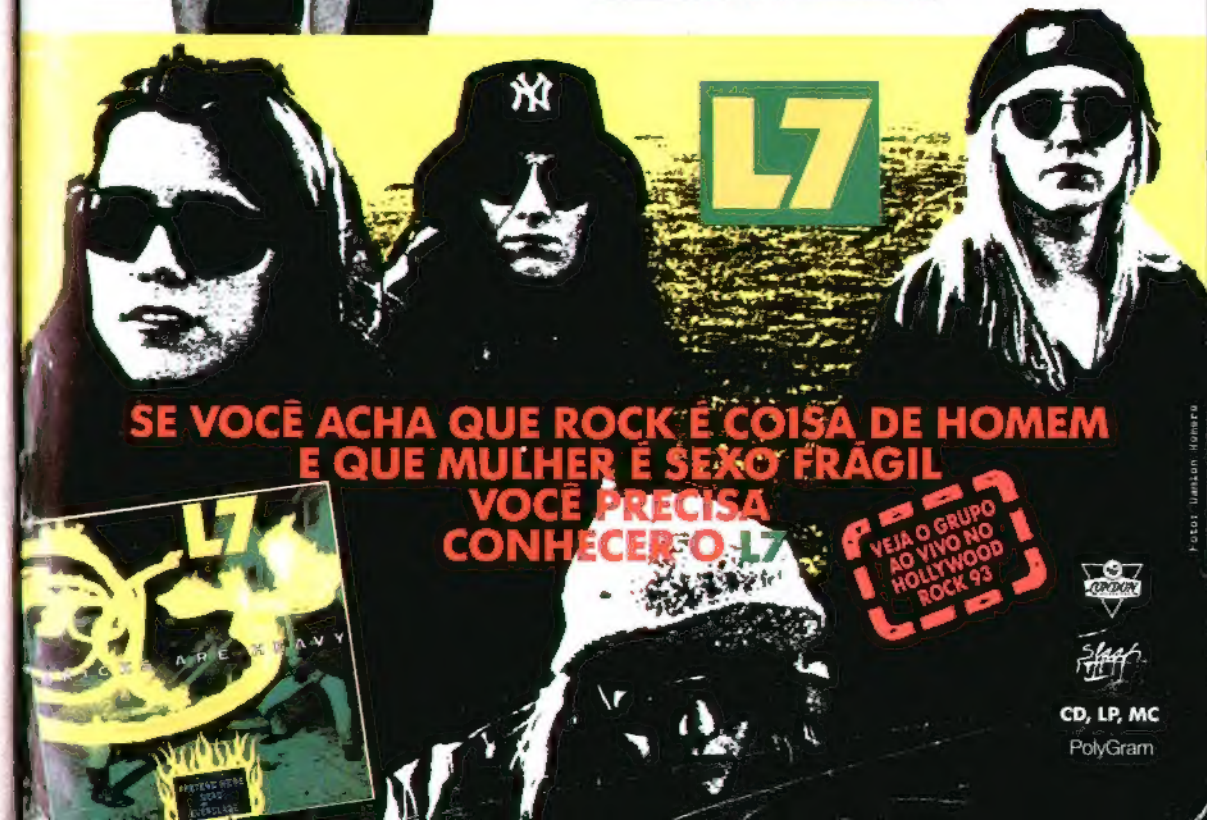
Sua boa fase foi entre 56 e 60, quando lançou nesse curto período dezesseis singles e seis LPs de pura dinamite, todos pelo selo Capitol. Seu melhor álbum – onde Gene atingiu seu pico – foi o segundo, chamado simplesmente *Gene Vincent And The Blue Caps*, editado no primeiro semestre de 57. Na época, o rock'n'roll começava a ser assimilado pelas grandes companhias de discos, instigadas pelo enorme sucesso de Elvis na RCA, mas ainda não sabiam lidar com o produto. Ken Nelson, produtor de Vincent e grande profissional, acreditava poder dirigi-lo como a um Sinatra ou a um Nat King Cole. Mas no segundo álbum, Gene e os Blue Caps pareciam desgarrados do controle do produtor e cometeram um disco com fogo e energia bruta.

Gene, com sua gangue, gravou o álbum inteiro ao vivo – direto e sem *playbacks* – num estúdio em Nashville, no espaço de três dias em outubro de 56. Foi a última sessão com os Blue Caps originais: Cliff Gallup, Willie Williams (guitarras), Dick Harrell (bateria) e Jack Neal (baixo). Os técnicos de som enlouqueceram com as dificuldades para gravar aquela música selvagem ao vivo. Foi o primeiro álbum de rock tocado inteiramente com instrumentos eletrificados no formato baixo, guitarra-base, guitarra-solo, mais a bateria convencional tocada aos berros por Dick Harrell. E nenhum sax, piano ou coro de vozes para atrapalhar. Aparentemente, a banda teve liberdade também na escolha do repertório, fugindo da síndrome *two hits, ten fillers* (dois sucessos e outras dez faixas para encher linguiça) que assolou o mercado dos LPs até meados dos anos 60.

As canções "lentas" como "Unchain Melody", "Blues Stay Way From Me" e "I Sure Miss You", estavam perfeitamente adequadas à voz calorosa de Vincent, que também era um excelente cantor de baladas. As outras faixas, rocks como "Red Bluejeans And A Pony Tail", "Cat Man", "You Better Believe" e "Pink Thunderbird" têm na maioria a autoria de Gene ou dos Blue Caps.

Mais um ano e os pesadelos começariam a assombrar a vida de Vincent. A mídia, voltada para os anseios da classe média próspera, achou que não existia lugar para um *rocker* lascivo, classe operária, com uma perna aleijada e cabelos ensebados. Gene ficaria sozinho com seu orgulho e arrogância, brigando contra o sistema. E perdeu.

RENÉ FERRI



É o melhor!
Pode botar a mão no fogo!

CD·LP·K7

PolyGram